A C



HOJE

A UM PASSO DO "ESTRELATO"



ENTREVISTA COM VANJA ORICO



AS "ESTRÊLAS" NÃO ENVELHECEM E OS "ASTROS" SE CONSERVAM



SIMONE SIMON ENTRE OS GRANDES VULTOS



Nº 16 ★ 21/4/54
Cr$ 4,00 em todo o Brasil

Mande os seus filhos á ESCOLA!


109


110


111


112

O ANALFABETO É UM ESCRAVO CÉGO QUE QUANTO MAIS OUVE FALAR EM LUZ, MAIOR LHE PARECE A ESCURIDÃO EM QUE VIVE.

109 28 a 33 Cr$ 150.00 — 34 a 40 Cr$ 195,00. Sapato colegial-esportivo, adotado pelas principais escolas do País. (ótimo Bezerro prêto ou marrom). Saltos de Borracha.

110 **Até** 27 Cr$ 100,00 — 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00. Sapato colegial-esportivo em vaqueta preta ou verniz. Saltos de Borracha.

111 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 40 Cr$ 150,00. Sapato cem por cento colegial, para moças, em superior vaqueta preta, C/ Saltos de Borracha. Um grande sapato!

112 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 37 Cr$ 150,00. Ótimo sapato para meninos e rapazes, em superior vaqueta preta.

Remetemos para todo o Brasil. Porte 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso postal

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

AT. SEMOG

A CENA MUDA Nº 16, DE 21/4/1954

REPORTAGENS ESPECIAIS:

Os Grandes Vultos da Atualidade .. 4
Os Melhores Filmes de Todos os Tempos 6
As «Estrêlas» se Conservam e os «Astros" Envelhecem 10
A Um Passo do «Estrelato» 14
Vanja Vai, Vanja Vem 22
Gene Tierney 25
O Cinema e a Dança 26
A Cotação dos Leitores de A CENA 33

SEÇÕES PERMANENTES

Segredos da Tela 16
Curiosidades e «Close-Ups» 17
Novela das Imagens 18
Cinema Brasileiro 23
Cartazes em Revista 28
De Todo o Mundo 30
Teatro 32
Rádio 32
Página do Leitor 33

PRÉ-ESTRÉIA: 3 PONTOS

APRESENTADO NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO

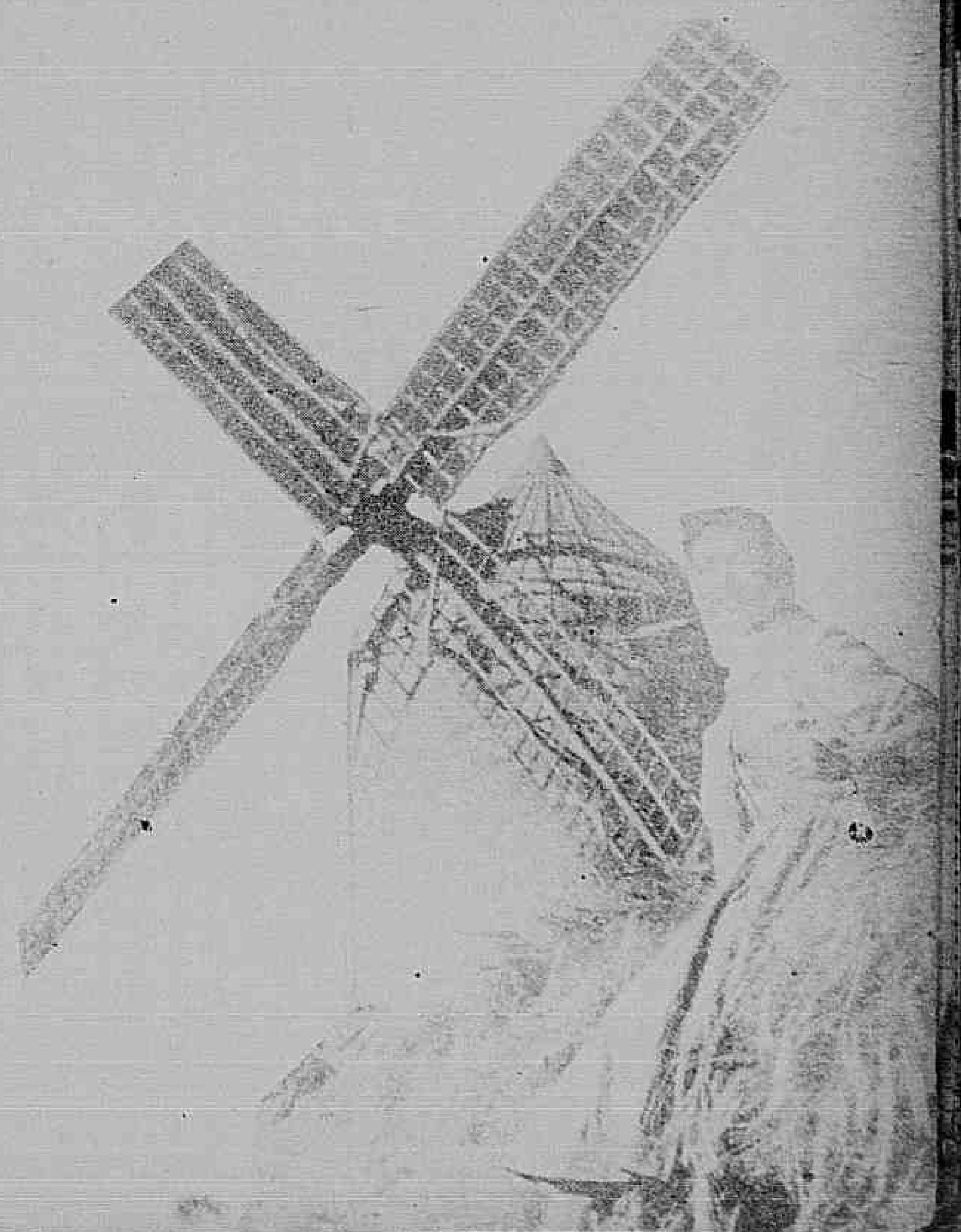
CONDENADOS

A atmosfera ambiente é a natureza. O campo, a lavoura, o sol intenso, abrasador. O conflito interior é de três almas rudes, viris, apaixonadas. O drama é intenso e cresce sempre. A mulher é o eterno motivo da discórdia. O marido cumpria uma pena, por crime de morte. Ela, sòzinha, dirigia, com ânimo, todo o rústico trabalho do sítio. E mantinha-se honesta, através de tantos anos, embora desejada por muitos homens. E, particularmente, pelo capataz da sua propriedade. Era também jovem, forte e insinuante. Apesar de ansiar por aquela criatura, guardava consigo a intensa paixão. Mantinha-a sufocada por saber que ela se dominaria. Em meio da criação dêsses tentáculos, regressa o espôso, por ter sido comutada a sentença.

Ciumento ao extremo, compreende logo a situação. Violento de índole, provoca o pretenso rival e seu subordinado, procurando, a princípio, humilhá-lo, sem resultado. Revolta-se o serviçal, ao ver perdidas as esperanças que alimentava pela mulher. Mesmo tendo sido despedido, numa vã tentativa dos seus patrões, a fim de eliminar o eminente conflito, decide-se a extremas atitudes. Vai de encontro à morbidez do ex-condenado, que já se contaminara por furioso ciúme, e confessa, amplamente, todo o amor pela sua mulher. E as situações se vão avolumando sempre, de clima asfixiante até que finaliza por um crime, após um duelo de morte.

Trata-se de adaptação de livro do escritor espanhol J. Suarez Carreno. Manuel Mur Oti foi o responsável pela direção e pelo roteiro. Construiu o desenrolar na base de ritmo mais comum ao palco. Entretanto, de bom teatro. Captou tôda a ardência e vibração daquelas criaturas atormentadas. E o fêz com personalidade. Muitos poderão achar exagerado o tom dramático imposto. Contudo, em relação tanto da índole das personagens, quanto do meio rural do próprio país, as reações teriam mesmo de ser acentuadas. É certo, evidentemente, que o ideal seria reunir essas qualidades com méritos de cinema puro. Porém, foi assim que sentiu a obra de Carreno. Deve existir a liberdade da expansão do pensamento. Ainda mais que cinema admite muitos meios de expressão.

Causou, assim, uma favorável surprêsa esta realização do cinema espanhol. É certo que se trata de um dêsses conteúdos que nada constroem porque fica na involução das personagens, por demais presos à matéria. Justamente por isto, e por causa das raízes que prendem as imagens ao teatro, deixou de ser uma realização ainda melhor. Todavia, é obra de fôlego, pela asfixiante emoção transmitida e pelo crescendo a um «climax» de irremovível fatalidade. As atuações atestam o grau de progresso do cinema da Espanha. Todos precisos vencendo ainda mais porque superam os laços do palco e de certas inevitáveis exacerbações do drama. José Suarez, Carlos Lemos e Aurora Batista são três grandes atores e isto diz tudo. A composição plástica dos quadros, aproveitando excepcional e funcionalmente o pictórico e o agreste, proporcionou raro encanto. Honras, portanto, a Manuel Berenguer, um mestre da câmara. Verdadeiramente inesquecíveis os belíssimos quadros dêste filme. Produção de Cesareo Gonzalez para a Suevia Filmes.



JONALD



OS GRANDES VULTOS DA ATUALIDADE (E DO PASSADO)

IV — SIMONE SIMON

Cimone Simon nasceu em Marseille, em 23 de abril de 1914. Portanto, na sexta-feira da semana em que esta A CENA fôr lançada completará, exatamente, quarenta anos de idade. De Marseille passou a residir em Madagascar. Nada de particular, no domínio da arte ocorreu na sua infância. Foi sòmente quando voltou à França é que se dedicidiu a realizar uma aspiração da sua infância: o teatro. Para isto teve que começar como figurante e, paralelamente, conseguiu, também, algumas «pontas» em filmes. Em uma delas, «Le chanteur de Minuit», onde interpretava uma jornalista, foi «descoberta» por Marc Allegret. Este realizador, célebre por ter descobeȓto vários talentos, que revelou Simone Simon em «Lac-aux-Dames». Marc, perito em diagnosticar o grau de valor dos atores, mostrou-se vivamente entusiasmado com a jovem Simone. Considerou-a como uma das raras naturezas poéticas entre as atrizes cinematográficas. Assim, com as palavras de Allegret, à guiza de profecia, a pequenina figura de Simone se impôs, apesar de seu rosto um tanto feio, de seu pequeno nariz arrebitado e a maneira de dizer as palavras sem, quase, pronunciar-lhes a metade. Tirando melhor partido dêsses seus «defeitos», tornava-se às vêzes realmente sedutora, ou adquiria uma rara graciosidade. Geralmente parece uma jovem caprichosa e insatisfeita. Fazendo sucesso imediato nos filmes, conquistou a simpatia de grande público. Simone continuou na França e fêz outros filmes: «Les yeux noirs» e «Be aux Jours». Hollywood viu a sua personalidade, diferente, e ofereceu-lhe um vantajoso contrato. Estávamos então em 1936. Entre outros trabalhos fêz «Girl's Dormitory», «Ladies in Love» «Seventh Heaven» (refilmagem de «Sétimo céu»), «Love anda Kisses», «Josette», «Dark Eyes». E foi ai que retornou, pela primeira vez, ao país natal.

Na França aguardava-se que Simone, com saudades, retornasse ao cinema francês, pois, única no seu gênero, tornara-se insubstituível. E, então, pouco antes da guerra, a admirável atriz voltou a Paris.

Jean Renoir iria rodar «Besta Humana», um dos seus grandes filmes, e o principal papel feminino é confiado à Simone. Se-



Em «Conflitos de Amor», Simone Simon encontra-se na «ronda», com Adolph Wohlbruck.

gundo o próprio Renoir, Simone não deveria ser uma «vamp», mas uma «gatinha», e como a jovem atriz ninguém mais o poderia fazer. O realizador disse muito pitorescamente que tinha vontade de alisar-lhe o pescoço, para vê-la ronronar! Reconhecendo o talento da «estrêla», e a forma dêste talento sem ostentação, mas discreto e forte, Renoir sentiu-se seduzido e dai convidá-la para participar em «Besta Humana». Simone antes de partir novamente para Hollywood toma parte em «Cavalcade de L'amour».

No apogeu do seu prestígio, disputada por dois grandes países, foi contratada para a protagonista central de «All That Money Can Buy», na RKO, ao lado de Walter Houston e Edward Arnold.

Alcançou renome como intérprete demasiadamente feminina e, também, por ter sido alcunhada de «gatinha» por Renoir, em «Besta humana». Isto lhe valeu a preferência do grande e saudoso Val Lewton a fim de interpretar dois dificílimos papéis em realizações desta extraordinária série.

Veio, então, o magistral «Sangue de pantera» (The Cat People) em que vivia a criatura de fantástica e remota lenda. Não era humana e sim uma pantera, metamorfoseada em linda jovem. Sob determinadas influências, caso se envolvesse no amor e fôsse beijada, transformava-se em fera. Foi um grande e estranho filme e o «climax» da sua carreira nos Estados Unidos.

Toma parte, a seguir em «Johnny Doens' t Live Here Any More», ao lado de James Ellison, aliás, um filme agradabilíssimo; «Tahiti Honey», com Dennis Ó Keefe», seu companheiro em «O homem leopardo»; «The Silent Bell». Ao lado do cinema, passa a representar em espetáculos teatrais em Nova York e, por vêzes no Canadá, logrando grande sucesso.

Foi assim, em pleno apogeu, que surgiu a derrocada, apenas nos Estados Unidos, imprevista, e extra-cinematográfica. Houve um grande escândalo, em Nova York quando a sua secretária revelou aos jornais que costumava presentear os eleitos dos seus romances com «chaves de ouro» do seu apartamento! Sob pressão das ligas de decência, Simone teve de deixar os Estados Unidos.

Assim, voltou a Paris e, sem maior sucesso, toma parte em «Petrus». A seguir, em Londres, ao lado de Robert Newton, aparece bem em «Pôrto da Tentação». Foi, então, que surgiu um convite da Itália e Simone tem oportunidade de viver uma das suas mais impressionantes atuações. Foi grandiosa em «Mulheres sem Nome», aliás, um notável filme. De volta à França, aparece em «Olivia», uma personagem diferente para o seu «carnet» e filme não exibido no Brasil. Logo após interpreta uma das criaturas de «La Ronde» (Conflitos de Amor), um filme que foi proibido em diversos países.

É, sem dúvida alguma, uma das grandes atrizes do cinema e em qualquer gênero. Tanto tem vivido a ingênua — conforme ficou demonstrado acima, quanto a pérfida ou a anormal. Os seus maiores desempenhos foram, nos Estados Unidos, «Sangue de pantera»; na França «Besta Humana»; na Itália, «Mulheres Sem Nome» e, na Inglaterra, «Pôrto da tentação». A nossa preferência fica com a mulher-pantera, no inesquecível filme de Val Lewton.



Simone ainda está bonita. Êste é o seu último retrato.

O maior desempenho: a mulher que se metamorfoseava em «Sangue de Pantera».



OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS

DE JONALD, EXCLUSIVO PARA "A CENA"

1933

Liberto das primeiras e fortes influências do excesso de filmes musicais, característicos da fase inicial dos «talkies», prevalecia em Hollywood o cinema do campo artístico, conforme se poderá observar, a seguir.

1* — «FELICIDADE PROIBIDA" («Stranger's Return», Metro). Entre as obras máximas de um dos maiores cineastas da tela: King Vidor. Um delicado conflito de sentimentos afetivos, descrito com realismo, ternura e poesia. Magníficos os desempenhos de Franchot Tone, Mirian Hopkins e Lionel Barrymore. A beleza dêste filme sugere e clama por uma reapresentação. Trata-se de uma dessas realizações que não envelhecem.

2* — «ADEUS AS ARMAS» («Farewell To Arms», Paramount). Outra inesquecível obra-prima, com Frank Borzage no «climax» da carreira. De um fio simples: o soldado que se apaixona; a jovem que se entrega; o destino que os separa — uma trama que seria muito repetida, com o decorrer dos anos — resultou em grande filme. Gary Cooper, Helen Hayes e Adolph Menjou foram extraordinários nos seus desempenhos.

3* — «LADRAO DE ALCOVA» («Trouble in Paradise», Paramount). De Ernest Lubitsch, com Mirian Hopkins, Kay Francis, Herbert Marshall e Edward Everett Horton. A sutileza do então chamado «toque Lubiticheano» em sua fase de esplendor, em deliciosa comédia romântica.

4º — «SENHORITAS DE UNIFORME» (Alemanha). Os sentimentos femininos de um internato de moças, retratados com alto sentido psicológico. Direção de Leontine Lagan. Principal interpretação de Dorothea Whieck que, agora, envelhecida, interpreta «pontas» em filmes americanos. Sua última aparição foi na «condêssa» de «Saltimbancos». Ao lado desta grande atriz, Hertha Thiele e Emilia Unda.

«Felicidade proibida», de King Vidor, (Metro), obra-prima e o maior filme exibido no Rio em 1933.

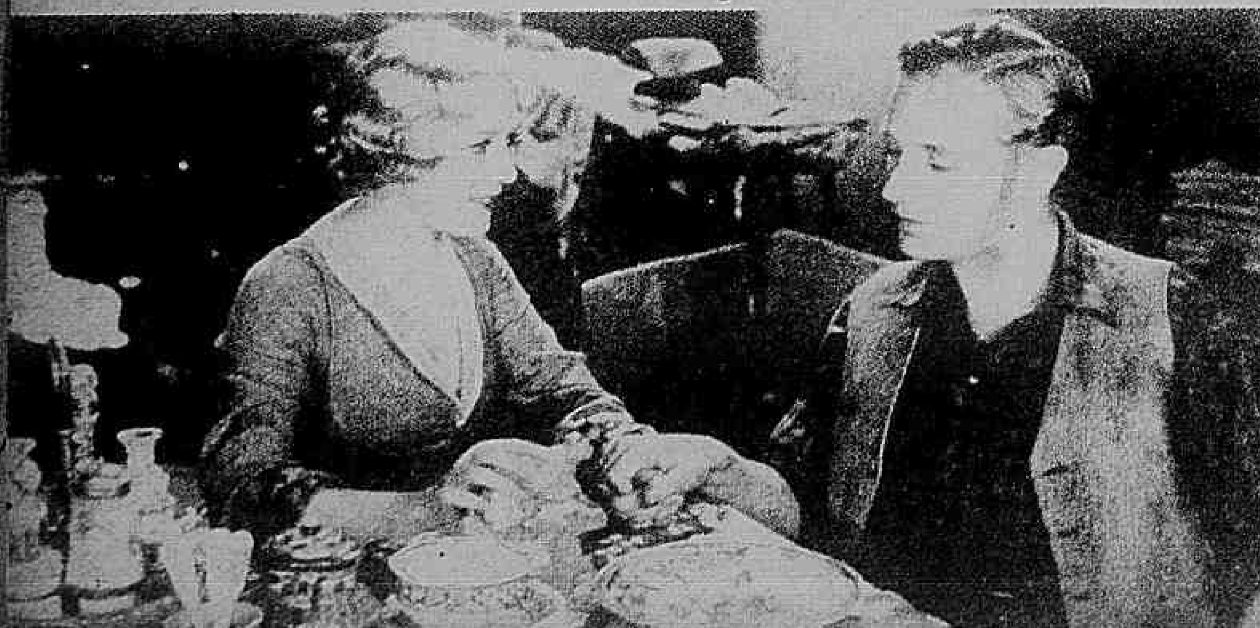


«A única solução», de Tay Garnett (Warners), com William Powell e Kay Francis.

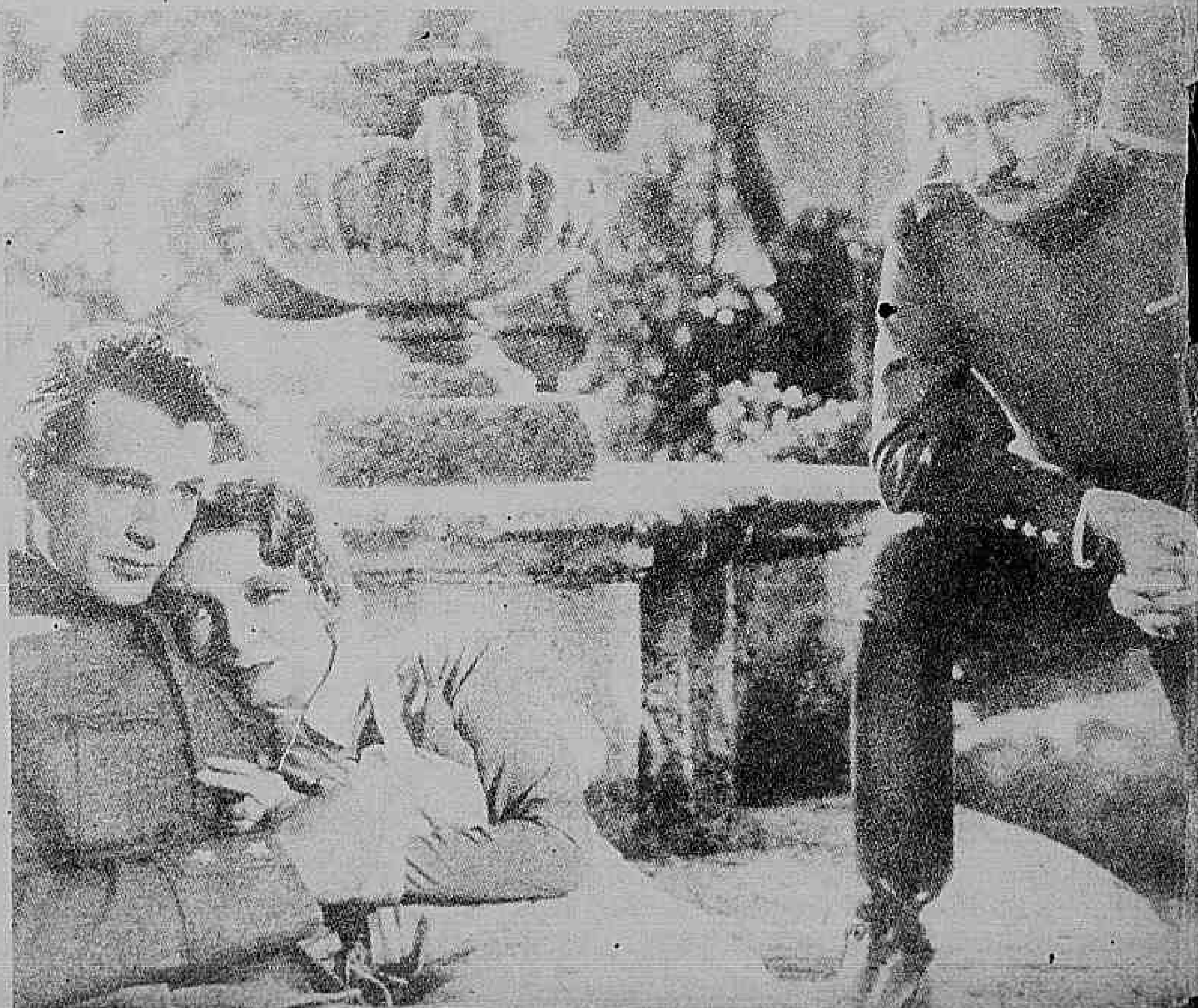


«Grande Hotel», de Edmund Goulding (Metro), com Greta Garbo, John Gilbert e grande elenco.

«Segrêdos», de Frank Borzage (United), com Leslie Howard e Mary Pickford.



«Adeus às armas», de Frank Borzage (Paramount), com Gary Cooper, Helen Heyes e Adolph Menjoe, o segundo filme exibido no Rio em 1933.



5º — «A ESQUINA DO PECADO» («Back Street», Universal). Reflexos do romantismo de outrora. A história de um amor impossível que, embora superado pelas convenções, perdurou ocultamente. Irene Dunne, com a finura de sempre, e John Bolles, discreto e convincente. Refilmado em 1941, com Margaret Sullavan e Charles Boyer, em filme apenas bom.

6º — «CAVALCADE» (Fox). A obra antológica de Frank Lloyd, com Clive Brook, Frank Lawton e Dianna Wyniard; 7º — «UM POUCO DE AMOR NÃO É AMOR» (RKO), de Edward Grifith, com Leslie Howard, Ann Harding e Mirna Loy. Refilmado, há poucos anos, perdeu tôda aquela finura; 8º — «A ÚNICA SOLUÇÃO» (Warner), de Tay Garnett, com William Powell, Kay Francis e Frank Mac Hugh. Outra obra do passado cuja refilmagem também decepcionou; 9º — «FIEL AO SEU AMOR" (Paramount), de Marion Gering, com Sílvia Sidney, Frank Morgan e Donald Cook; 10º — «O AMOR QUE NÃO MORREU», de Sidney Franklin (Metro), com Leslie Howard, Fredric March e Norma Shearer. O assunto, que já havia sido um êxito no cinema silencioso, um célebre filme de Norma Talmadge foi, mais uma vez filmado, em 1941, em versão musicada em que perdeu o primitivo interêsse. Jeanette Mac Donald e Nelson Eddy os principais.

O ano de 1933, conforme alguns mais que se seguirão, foi uma áurea fase para o cinema artístico nos Estados Unidos. Após a seleção dos dez melhores do ano há, ainda, obras de muito valor e, algumas delas, autênticas preciosidades, conforme veremos:

«SE EU TIVESSE UM MILHÃO» (Paramount, um dos precursores do atual «ciclo» de filmes compostos de várias histórias, tendo um diretor para cada uma delas. Entre outros, contou com a direção do genial Lubitsch, James Cruzze, Norman Taurogg, etc. Participaram grandes intérpretes como Charles Laughton, Charles Ruggles, Richard Bennett, etc. «COMO ME QUERES (Metro), a notável peça de Pirandello, dirigida por George Fitzmaurice, com Greta Garbo, Eric Von Strohein e Melvyn Douglas; «AMANTE DISCRETO» (United), de King Vidor, com Ronald Colman e Helen Hayes; «O RAIAR DA VIDA» (First), de Elliott Nugen e James Flood, com Loretta Young, Eric Linden e Alline Mac Mahon; «PEREGRINAÇÃO» (Fox), de John Ford, com Marion Nixon e Ruth Clifford; «REUNIÃO EM VIENA» (Metro), de Sidney Franklin, com John Barrymore e Dianna Wyniard; «VOLTANDO AO PASSADO» (Metro), de Edgard Selvin, com Lee Tracy e Mae Clark. Êste filme apresentou uma curiosa história, digna de refilmagem; «RASPUTIN E A IMPERATRIZ» (Metro), de Boleslavsky, com a completa reunião da família Barrymore: John, Lionel e Ethel; «GRANDE HOTEL» (Metro), de Edmund Goulding, com Greta Garbo, Joan Crawford, John Barrymore, Wallace Beery e um dos maiores elencos reunidos na história do cinema de qualquer tempo; «AVE DO PARAÍSO» (RKO), de King Vidor, com Dolores Del Rio e Joel Mac Crea; «I.F.I. NÃO RESPONDE» (França), de Eric Pomer, com Charles Boyer e Danielle Parole; «SEM RUMO» (Universal), de Tay Garnett, com Betty Compson, Ralph Bellamy e Tom Brown; «O FUGITIVO» (Warner), de Melvyn Le Roy, com Paul Muni e Glenda Farrell; «A CARNE» (Metro), de John Ford, com Wallace Beery e Karen Morlay; «O CANTICO DOS CANTICOS» (Paramount), de Rouben Mamoulian, com Marlene Dietrich, Brian Aherne e Lionel Atwill.



«Amor que não morreu», de Sidney Franklin, com Leslie Howard, Fredric March e Norma Shearer

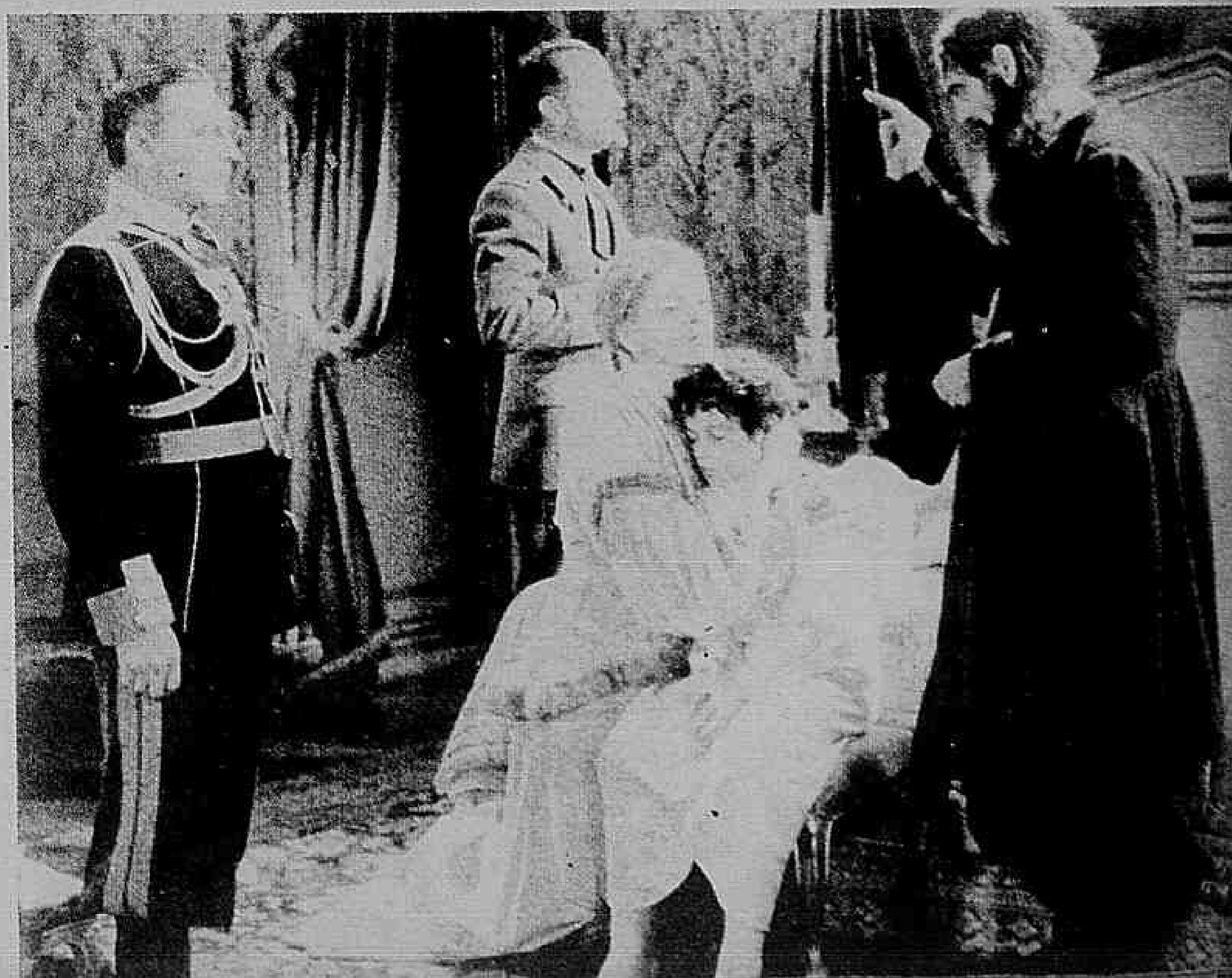


«A esquina do pecado», de John M. Sthall, (Universal), com John Boles e Irene Dunne.

«Uma sombra que passa», de Mitchel Leisen (Paramount), com Fredric March personificando a morte na terra e Evelyn Venable. Um dos belos filmes de 1934, no Rio.



«Rasputin e a Imperatriz», de Boleslawsky, com John, Lionel e Ethel Barrymore.





«Catarina a Grande», (Inglaterra), de Paul Czinner, com Douglas Fairbanks Jr., Elizabeth Bergner e Flora Hobson.

«Aconteceu naquela noite», de Frank Cappra, (Columbia), com Claudette Colbert e Clark Gable. Uma grande comédia.



«Quatro irmãs», de George Cuckor (Metro), com Jean Parker, Joan Bennett, Katharine Hepburn, Frances Dee e Spring Byington



OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS

1934

REFLETINDO o que já se vinha passando no cinema internacional o ano de 1934, no Rio de Janeiro, foi assinalado pelo incremento de bons filmes europeus. Enquanto que no ano anterior, na lista dos 60 melhores do ano apenas três tinham o Velho-Mundo por origem, no ano de 1934 êste número chegou a uma dúzia. E dêstes doze, a metade foi de procedência alemã, inclusive quanto ao melhor filme do ano, a inesquecível obra-prima: «Mascarada». Retornemos há vinte anos:

1º — «MASCARADA» («Maskerade», Alemanha), de Willy Forst, com Adolph Wohlbruck, Paula Wessely e Olga Tschescowa. Através do subentendimento de um roteiro em que o sentido da imagem dominava o diálogo, foi realizado um dos maiores filmes da História da Tela. Em 1936, a Metro refilmou o mesmo assunto e, pràticamente, seguindo o original planificação. Entretanto, apesar de ainda ter sido muito bom filme, faltou ao diretor Robert Z. Leonard, em «Flirt», a finura de um Forst. Louise Rainer e William Powell foram as figuras centrais.

2º — «VALE A PENA VIVER?» («Little Man What Now?», Universal), de Frank Borzage, com Margaret Sullavan e Douglas Montegomery. Um poema de elevação humana e uma das mais sentidas obras-primas de Borzage dos áureos tempos, naquela época alcunhado de «o poeta das imagens».

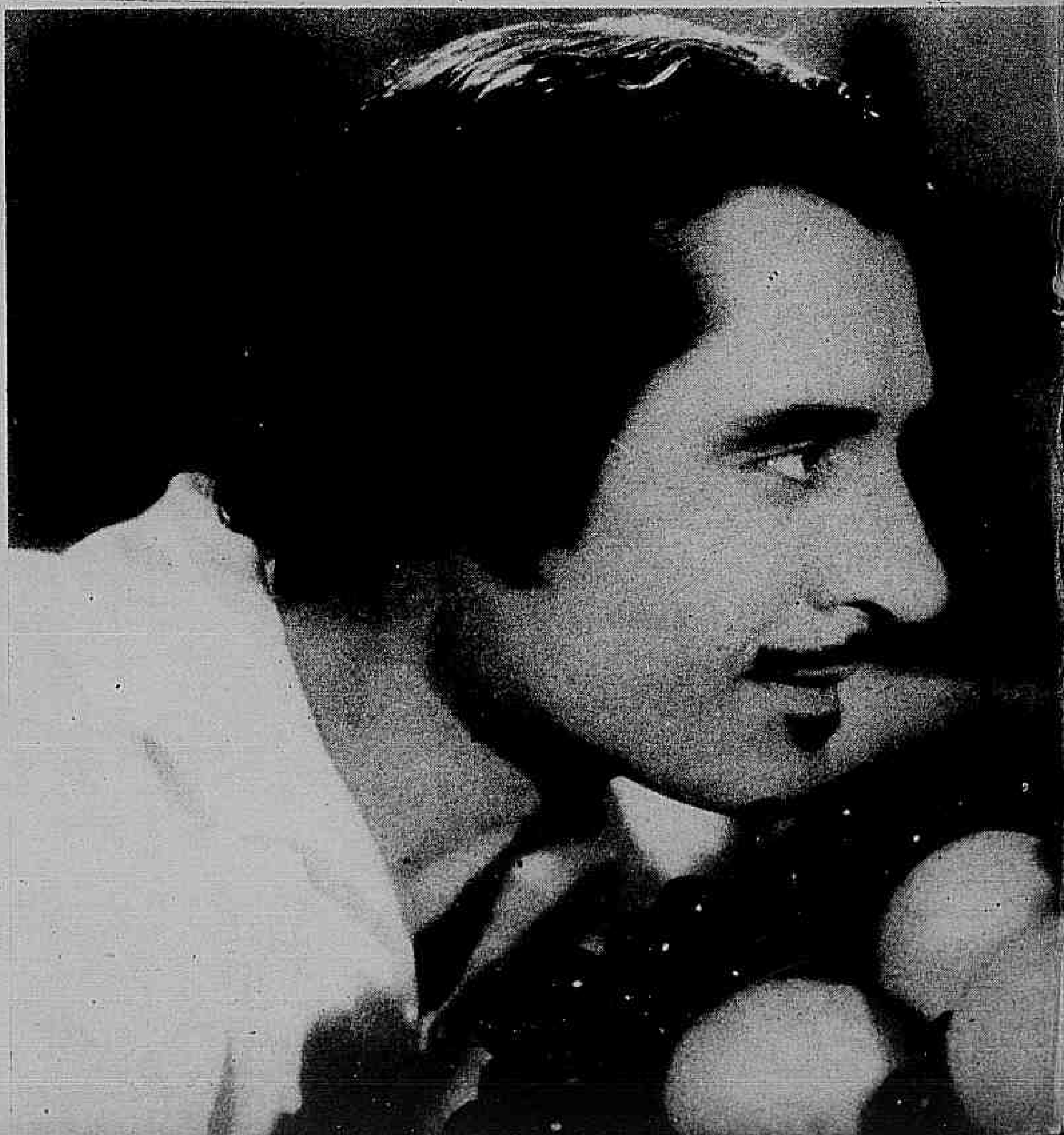
3º — «CATARINA, A GRANDE» (Catherine, the great», Inglaterra), de Paul Czinner, com Elizabeth Bergner e Douglas Fairbanks Jr. Através da sutil direção e do desempenho de uma das mais geniais atrizes de qualquer época da tela, a grande Bergner, foi obtida a melhor entre as várias revivescências que fixaram a irregular Catarina e o seu anormal espôso.

4º — «QUATRO IRMÃS» («Little Woman», RKO), de George Cuckor, com Katharine Hepburn, Joan Bennett, Jean Parker, Francis Dee e Paul Douglas. Belíssimo filme que proporcionou a Cuckor e a notável Hepburn o início de uma série de êxitos no cinema.

5º — «OS AMÔRES DE HENRIQUE VIII» («Private Life of Henry VIII», Inglaterra), de Alexander Korda, com Charles Laughton, Merle Oberon, Robert Donnatt e Binnie Burns. Um grande filme histórico em que a linha irônica muito se harmonizou com a figura e fatos da trajetória de Henrique VIII.

6º — «RAINHA CHRISTINA» (Metro), de Rouben Mamoulian, com Greta Garbo e John Gilbert. Reapresentado há pouco tempo, positivou o admirável tratamento de Mamoulian e os fabulosos desempenhos de

«Rainha Christina», de Rouben Mamoulian (Metro), com John Gilbert e Greta Garbo, um dos melhores exibidos no Rio em 34



Greta Garbo e John Gilbert; 7º — «A ÚLTIMA CARTADA» (França), de Jacques Feyder, com Françoise Rosay e Pierre Richard Willm. O tema vem de ser refilmado, agora, em 1954, filme também francês, recém-estreado, com Robert Siodmak na direção; 8º — «SÓCIOS NO AMOR» (Paramount), do inimitável Lubitsch, em uma das suas mais finas comédias: Gary Cooper, Fredric March e Mirian Hopkins, o trio central; 9º — «PARAÍSO DE UM HOMEM» (Columbia), outra jóia de Frank Borzage, com Spencer Tracy e Loretta Young; 10º — «UMA SOMBRA QUE PASSA» (Paramount), de Mitchel Leisen, no seu único notável filme da sua carreira, com Fredric March, Evelyn Veanable e Sir Guy Standing. «Reprisado» em 1950, despercebidamente, no Cine Colonial.

O ano de 1934 foi também pródigo em emoções, de tôda a sorte, no domínio artístico. Após o destaque dos dez melhores do ano, a seguinte lista inclui, também, grandes realizações do cinema:

«ACONTECEU NAQUELA NOITE» (Columbia), deliciosa e alta-comédia de Frank Cappra, com Claudette Colbert e Clark Gable; «ROMANCE ANTIGO» (Fox), um lindo filme de Frank Lloyd, com Leslie Howard é Hearthel Angel; «NÓS E O DESTINO» (Universal), de John M. Stahll, com Margaret Sullavan, Billie Burke e John Bolles; «EU FUI UMA ESPIA» (Inglaterra), de Victor Saville, com Conrad Veidt, Madeleine Carroll e Herbert Marshall; «VIVA VILLA» (Metro), de Jack Conway e Howard Hawks, com Wallace Beery e Fray Wray; «LAGRIMAS DE HOMEM» (Inglaterra), de Jack Raymond, com H. B. Warner e Winifred Shooter; «ASAS DA NOITE» (Metro-Goldwyn-Mayer), de Clarence Brown, com John Barrymore, Helen Hayes, Clark Gable, Robert Montgomery, Mirna Loy; «CUIDADO, ESPIÕES» (Alemanha), de Gerhard Lampretch, com Brigitte Helm e Carl Dihel; «SINFONIA INACABADA» (Alemanha), de Willy Forst, com Martha Eggerth e Hans Jaray, filme que, além do seu merecimento artístico, reuniu intenso agrado público, quebrando todos os «records» de renda até aquela época, no Brasil; «A IMPERATRIZ GALANTE» (Paramount), de Von Sternberg, com Marlene Dietrich e John Lodge, outra revivescência sôbre Catarina, da Rússia; «A CEIA DOS ACUSADOS» (Metro), filme que se tornou famoso por ter inaugurado a comédia policial no cinema. Grande êxito na época, tanto para o diretor W. S. Van Dike quanto para os intérpretes: William Powell, Mirna Loy e «Ashta»; «O BAMBA DA ZONA» (Metro), de Raoul Walsh, com Wallace Beery, George Raft, Fray Way e Jack Cooper; «DÚVIDA QUE TORTURA» (Paramount), de Alexander Hall, com Dorothéia Whieck, Alice Brady e Jack La Rue; «A CASA DE ROTCHILD» (Fox), de Alfred Werker, com George Arliss, Boris Karloff, Loretta Young e Robert Young; «ESQUIMÓ» (Metro), de W. S. Van Dyke, com Mala e Lotus; «DAMA POR UM DIA» (Columbia), de Frank Cappra, com May Robson e Jean Parker; «TRÊS AMÔRES» (Metro), de Clarence Brown, com Joan Crawford, Franchot Tone e Edward Arnold; «PÃO NOSSO» (United), de King Vidor, um precioso filme, com Karen Morlay em impressionante atuação; «ADORAÇÃO» (Universal), de Victor Schertzinger, com Gloria Stuart e John Bolles; «FILHA DE MARIA» (Paramount), de Mitchell Leisen, com Dorothea Wieck; «QUANDO A LUZ SE APAGA», (Universal), de James Whalle, com Elissa Landi e Paul Lukas.

(Continua no próximo número)



Vale a Pena Viver?», de Frank Borzage (Universal), com Margaret Sullavan e Douglas Montgomery, um dos grandes filmes de 1934.



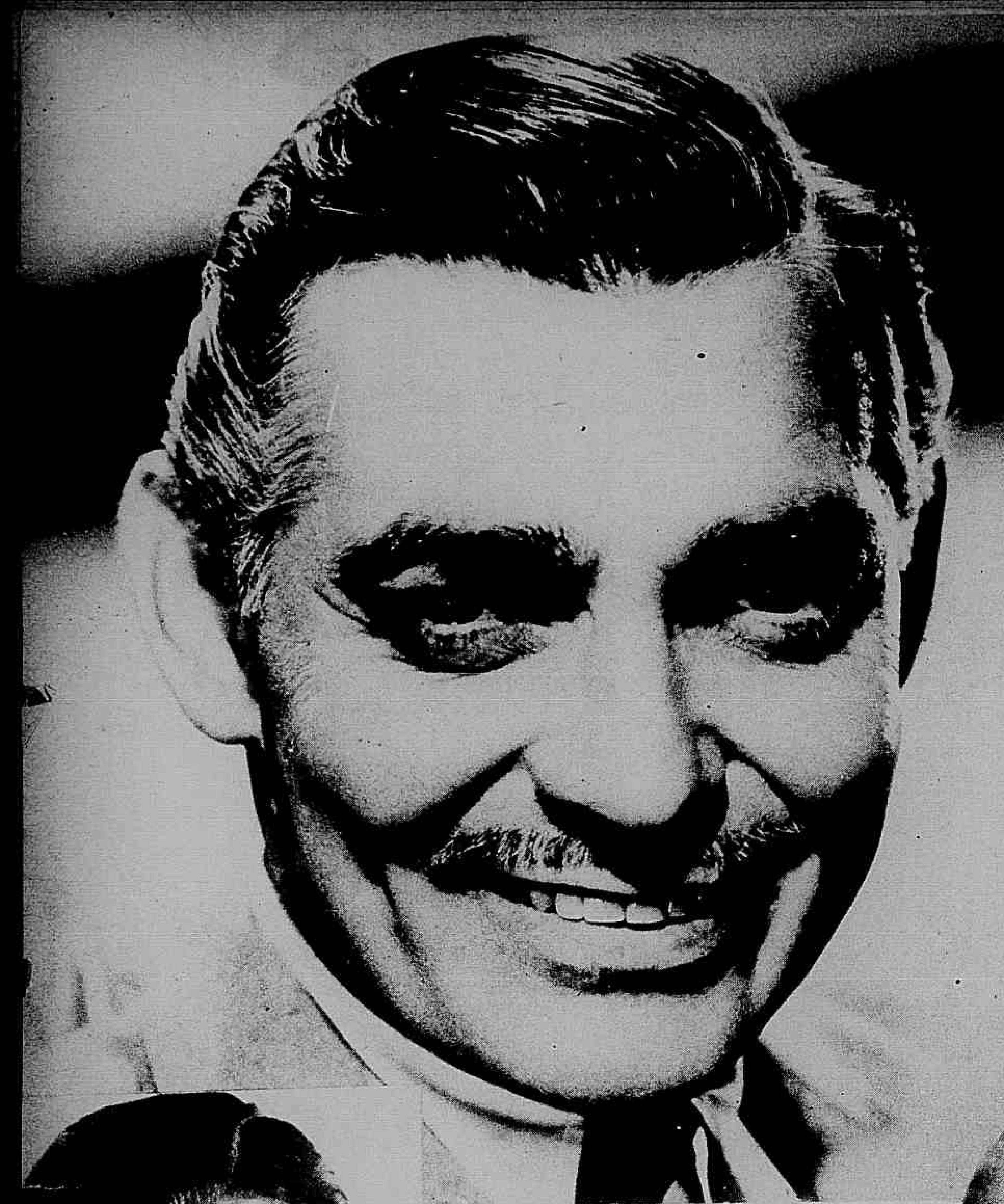
«Ladrão de Alcova», de Lubitsch (Metro), com Kay Francis, Mirian Hopkins e Herbert Marshall.



«Pouco Amor Não é Amor», de Edward Griffith (RKO), com Leslie Howard, Ann Harding e Mirna Loy



«Os Amôres de Henrique VIII», de Alexander Korda (Inglaterra), com Charles Laughton, Merle Oberon e Robert Donnat.



AS "ESTRÊLAS" NÃO ENVELHECEM E OS "ASTROS" SE CONSERVAM

L. BOLTSHALSER

(exclusivo para A CENA)



A fã mais ardente de Clark Gable dificilmente reconheceria seu ídolo no sorridente jovem da fotografia de baixo.



A madureza fêz de Gary Cooper um conquistador emérito, um calvo em perspectiva em prejuízo do ar sério de seus primeiros anos de «astro», na foto acima.



Comparem a Anne Baxter de "Cinco covas no Egito" com a de "A tortura do silêncio". Há dez anos, Miss Baxter era uma jovem talentosa e bonitinha; hoje transformou-se numa atriz seguríssima e numa mulher elegante e atraente.

Jane Powell, quando ingressou no cinema, era feia e desgraciosa. Se continua sendo péssima atriz, pelo menos já é uma jovem encantadora. E houve tempo em que Ava Gardner não poderia, de modo nenhum, ser classificada como uma das rainhas do "sex-appeal".

Também Marilyn Monroe não era "platinum blonde" nem tinha a sedução que Hollywood lhe emprestou. Vestia-se mal, não





Antes de tornar-se a «sophisticated girl» da foto acima, Ava Gardner era a moça bonitinha pouco lapidada pela maquilage. E isto há mais de 10 anos.

Por um dêsses milagres que só o cinema é capaz de operar, a passagem dos anos pouco marca o rosto de uma "estrêla". Esta, geralmente, já deixou para trás o frescor da primeira juventude. Sua idade é uma idade própria, tôda especial, indefinível, na qual ela permanece anos a fio, sempre jovem, ainda que, de certo modo, diferente, constantemente evoluindo em função da moda.

Joan Crawford, Marlene Dietrich, Michèle ze e vinte anos, atrás quase tão jovens quanze e vinte anos, atrás quase tão jovens quanto agora, mas num estilo muito diverso. Se diferenças houve, foram até para melhor. Pois êsse rejuvenescimento constante não consiste em conservar sempre a mesma aparência, mas sim, manter a linha seguindo ao mesmo tempo as tendências da época. Se Joan Crawford ou Marlene tivessem continuado tal qual eram há trinta anos atrás, por certo não contariam com o prestígio fabuloso de que ainda desfrutam.

As rugas e outros sinais do tempo, a iluminação e a maquilagem adequada podem disfarçar, ou mesmo anular. Mas a finura, a elegância, a "classe", a "estrêla" adquire pouco a pouco. Algumas chegam até a ganhar em beleza com o decorrer dos anos, e há mesmo as que aparentemente remoçam à proporção que o tempo passa.

Querem exemplos?

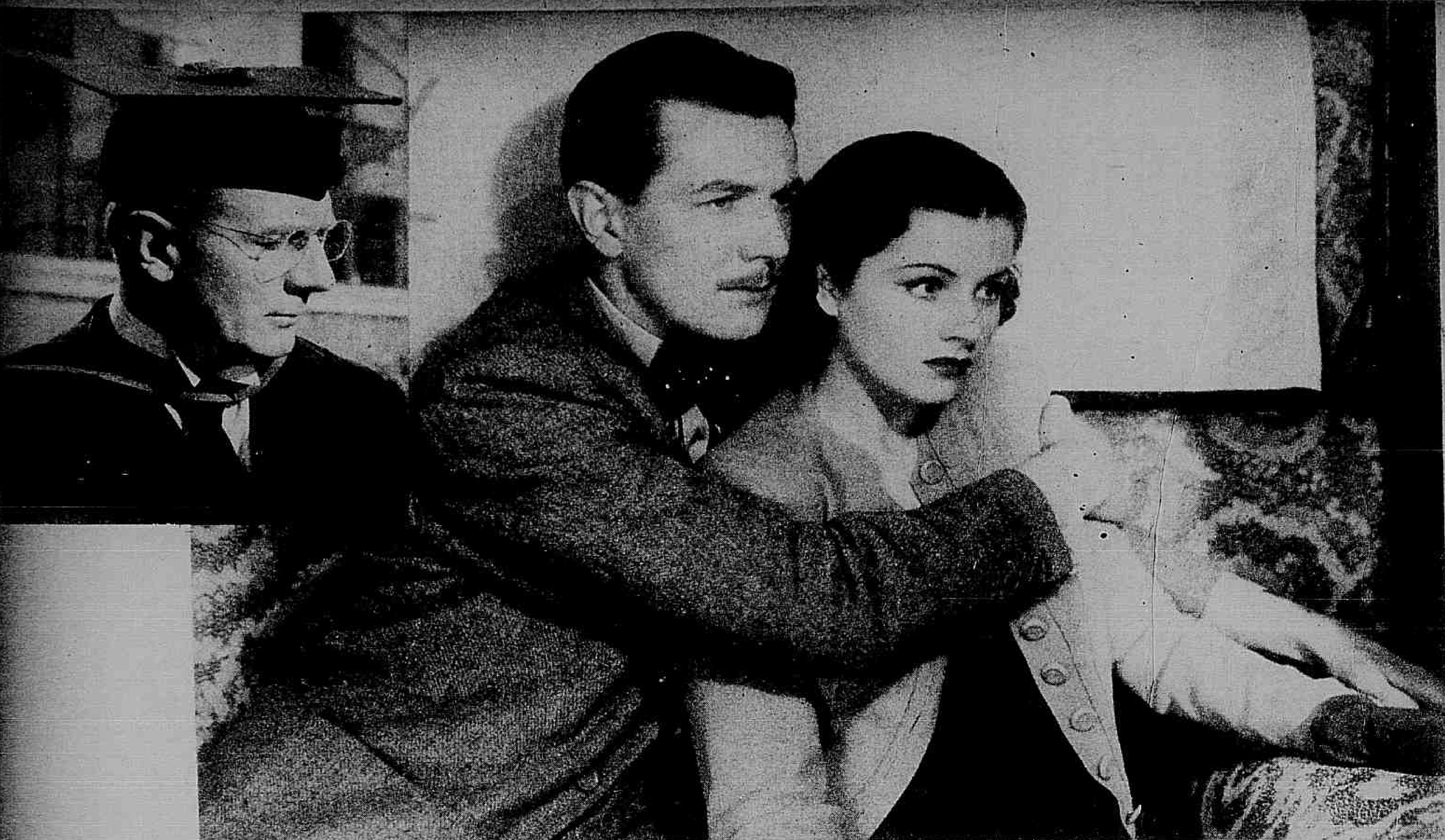
Em 1932, estrelando o tão falado "Êxtase", Heddy Lamarr não aparece tão bela quanto em "A cigana me enganou". E vinte anos de diferença separam os dois filmes! Nesse interim, Heddy ficou mais linda e sedutora e — esta afirmação é sustentável — rejuvenesceu.

passando então de uma caipira engraçadinha. Daqui a trinta anos talvez que a mesma Marilyn tenha se transformado numa grande dama do cinema, como Françoise Rosay ou Ethel Barrymore.

Em dez anos apenas, Elina Labourdette e Gisèle Pascal, duas "starletts" aparentemente insiginificantes, metamorfosearam-se nas mulheres mais brilhantes de Paris. Os anos trouxeram-lhes a elegância e a distinção que em Gisèle, tanto seduziram Gary Cooper.

De resto, as fotografias são mais eloqüentes do que qualquer comentário.

E os homens? Êstes preferem envelhecer e o cinema os envelhece com dignidade. Pode-se mesmo dizer que êles se comprazem em aparentar mais idade. A maioria dos atores jovens ambiciona e aceita, encantada, a oportunidade de pintar os cabelos de branco e



O tempo transforma os «galãs» em professôres, homens de negó cios, cientistas, transformando caras bonitas em figuras cheias de dignidade. Assim temos Michael Redgrave, de 1938, galã, abraçado com a heroína e o atual, envelhecido com dignidade...

envelhecer frente às câmaras por alguns minutos. Numerosos exemplos poderiam ser citados, de galãs que se divertem fazendo o papel de vovôs: Dick Powell, quando moço, apareceu de cabelos brancos em "O tempo é uma ilusão". Hoje êle é sempre mocinho! Tony Curtis é outro exemplo, recentemente figurando caracterizado no papel central de "Houdini". Também Jean-Claude Pascal, um rapaz de apenas 26 anos, em tôda a sua carreira só encarnou homens mais idosos do que êle. Em "Les enfants de l'amour" desempenha o papel de um médico de meia-idade, e fêz questão de aparecer grisalho.

Enquanto os jovens procuram envelhecer, os veteranos mantêm sua popularidade sem disfarçar os sinais do tempo. Pode-se mesmo dizer que são êles os que conservam posições de maior prestígio entre o público de cinema. As rugas que marcaram seu rosto não diminuíram em nada seu sucesso; muito pelo contrário, os grandes cartazes de bilheteria são precisamente os atores mais maduros.

Os anos passaram, vincando profundamente o rosto de Clark Gable e embranquecendo seus cabelos nas têmporas. E, entretanto êle ainda é "O Rei". Suas antigas admiradoras continuam-lhe fiéis, enquanto que com cada novo filme o veterano galã conquista outra multidão de fãs.

O que a fisionomia de Gary Cooper perdeu em juventude, ganhou em virilidade. O mesmo se pode dizer de Jean Marais, cuja carreira continua de vento em pôpa. Mesmo que os anos trouxeram-lhe as oportunidades com que êle sonhava quando era apenas um bonito galã. Também Fernandel, em vinte anos, ganhou o direito a grandes papéis dramáticos.

Essa regra é quase infalível. O cinema beneficia tanto os atores quanto as atrizes. Os anos passados, perdidos no cinema não são em pura perda. O "astro" adquire aquela figura ideal com que sonham os estreantes, que Crawford e Marlene matêm há trinta anos, e que o cinema ajuda a conservar de forma admirável.





Por vêzes, as «estrêlas» envelhecem tornando-se mais belas. Mas sempre é triste vermos fenecerem as flores, disse o poeta. Anne Baxter, no começo da sua carreira, com Fred Mc Murray e a distinta senhora da presente época.

ALAN LADD · JEAN ARTHUR · VAN HEFLIN



na produção de

GEORGE STEVENS

"OS BRUTOS TAMBÉM AMAM"





CÔRES POR

Technicolor

SHANE

Um FILME *diferente*

A PARTIR DE 26-ABRIL NOS CINEMAS:

PLAZA	COLONIAL
ASTORIA	PRIMOR
OLINDA	H·LOBO
RITZ	MASCOTE

TELA PANORÂMICA

a Melhor FOTOGRAFIA EM CÔRES

Paramount Pictures

IMPROPRIO PARA CRIANCAS ATE 14 ANOS

COMPLEMENTOS NACIONAIS

CO-ESTRÊLAS: BRANDON DE WILDE JACK PALANCE

BEN JOHNSON · EDGAR BUCHANAN PRODUZIDA E DIRIGIDA POR GEORGE STEVENS Screenplay by A.B. GUTHRIE, Jr. Additional Dialogue by JACK SHER

Baseado na novela de JACK SCHAEFER

A UM PASSO DO "ESTRELATO"

MARIA LUIZA, EXCLUSIVO PARA "A CENA"

Quando uma jovem americana sonha com o "estrelato", escolherá por certo, para início de carreira, a profissão de modêlo de alguma casa de modas. Uma fotografia publicada em revista tem aberto as portos da fama a muita moça ambiciosa. Se, além de possuir uma figura bonita, ela souber cantar e dançar, o melhor meio é conseguir o lugar de corista num espetáculo musicado, ou atuar em "night clubs". Foi assim que Betty Grable e Dorothy Lamour conseguiram um lugar ao sol, a primeira, exibindo as pernas, a segunda, muito mais que as pernas...

Os "astros" americanos, como a maioria dos atores europeus, vêm do teatro. Na Itália — não é lenda — as "vedettes" são freqüentemente recrutadas nas ruas.

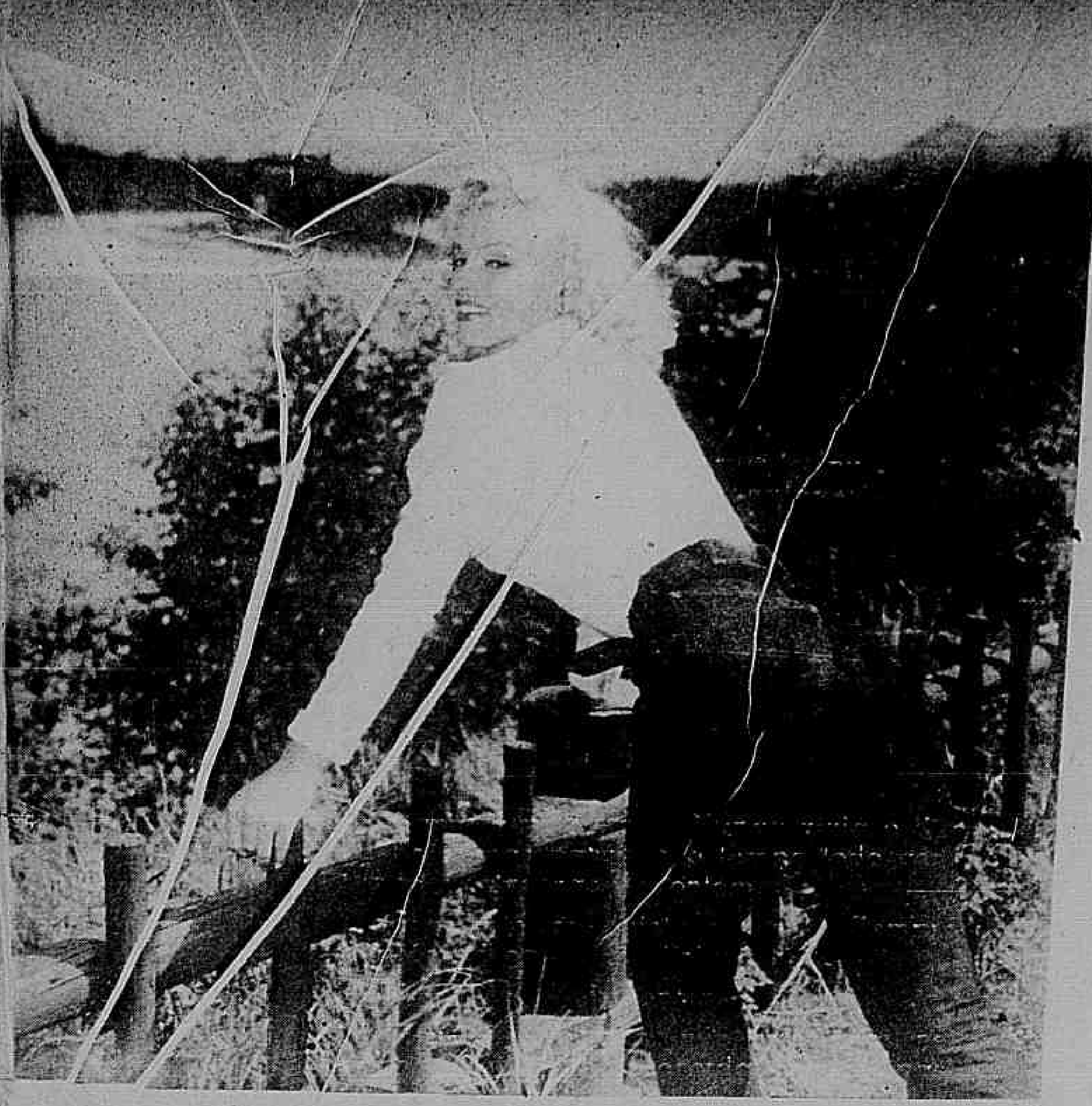
Greer Garson teve longa experiência teatral, representando em palcos de pequenas cidades inglêsas, antes de conseguir um importante contrato para atuar em Birmingham, e depois em Londres, onde a Metro foi descobri-la para "estrelar" "Adeus, Mr. Chips", o filme que marcou sua estréia e seu triunfo no cinema. Também Eleanor Parker começou na ribalta, onde nunca chegou a desempenhar um papel de importância. Certa vez, em que ela se encontrava num teatro na qualidade de simples espectadora, um diretor viu-a, impressionou-se e convidou-a para um teste. Gregory Pack, William Holden, Scott Brady, Richard Basehart, Tony Curtis, Montgomery Clift, Marlon Brando, Jan Sterling e Van Johnson são alguns dos que tiveram as portas do cinema abertas pelo teatro.

Na França e na Inglaterra a maioria dos atores faz cinema sem abandonar o teatro, e muitas vêzes fundam companhias teatrais com o dinheiro ganho com suas atividades cinematográficas. Basta citar

Mamie Van Doren alcançou o estrelato através do teatro de variedades.

Lori Nelson da Universal: através da foto pode-se ver que não precisou se esforçar para atingir o «estrelato».





Marylin Monroe posou nua; foi «descoberta».

Errol Flynn e Ray Milland foram marinheiros, e Burt Lancaster, acrobata.

Pier Angeli não fêz fôrça para ingressar no cinema. Estando em Roma de passagem foi visitar uma exposição de pintura: Enquanto Pier Angeli admirava os quadros, a seu lado um senhor por sua vez a admirava. Acontece que êsse cavalheiro era o diretor Léonide Moguy, então à procura de uma adolescente para "estrelar" "Amanhã será tarde demais". O resultado dêsse encontro todo mundo sabe.

De todos êstes inícios de carreira, o mais pitoresco é, sem dúvida, o de um novo "astro" suisso-francês chamado Georges Bernhard. O público brasileiro ainda não ouviu falar dêle, embora já o tenha visto, mas brevemente o conhecerá, porque o rapaz é dêsses que sabem impor-se. Para começar, Bernhard não foi descoberto, mas forçou sua entrada no cinema. Êle é dos que acreditam no ditado de que "as oportunidades são para quem as faz". Entrou em ação no Festival de Cannes de 1952, onde esperava obter um contrato. Nada conseguiu, mas ficou sabendo que John Huston filmaria seu "Moulin Rouge" em Paris. Na capital francesa, Bernhard fêz-se passar por ator ou jornalista, e ficou de plantão por horas e horas no "hall" do hotel Lancaster, onde o famoso diretor americano ficou hospedado. Depois de muita espera, eis que Bernhard reconhece Huston que sai, rodeado de jornalistas e admiradores e, com o coração aos pulos, agride-o com um pedido de um teste. E consegue seu objetivo! Huston concede-lhe um pequeno papel em "Moulin Rouge", que se compunha de uma única cena, na qual êle dizia apenas uma palavra, trabalhando para tanto sòmente um dia. Mas era uma estréia de qualquer modo. Agora o rapaz já teve dois outros desempenhos; um em "Les cahiers du Conseiller Marimon", estrelado por Carla Del Poggio, outro em "Father Brown", cujo principal intérprete é Alec Guiness. Bernhard, que fala quatro linguas, atribui — com razão — seu sucesso ao seu atrevimento.

E é assim que êles vencem; às vêzes a oportunidade vai ao seu encontro, mas por outras, êles próprios é que torcem o destino. E se não fôsse assim, imaginemos por um momento, o que poderia acontecer. Suponhamos que, ao atender a porta, a senhorita de-

(Continua na pág. 34)

o exemplo de Alec Guiness, do casal Laurence Olivier-Vivien Leigh, de François Périer, de Jean Marais, de Ralph Richardson. De Nigel Patrick, de Mouloudji, para dizer apenas alguns.

O "ballet" tem sido a mola impulsora de grandes nomes de cinema: Leslie Caron, Jean Simmons, Moira Shearer, Ludmilla Tchérina, Cyd Charisse, e agora Sônia Arova e Josette Clavier. Também as desilusões na carreira de bailarina têm criado algumas atrizes: a notável Bette Davis trocou o "ballet" pelo cinema, quando morreu sua mestra e seu ídolo. Phyllis Calvert feriu a espinha quando saltava numa piscina sendo obrigada a abandonar a dança tornando-se atriz.

Lauren Bacall começou como modêlo; Bárbara Bates e Ava Gardner foram "descobertas" graças a fotografias suas publicadas em jornais ou revistas de cinema. Também foi um retrato o responsável pela carreira cinematográfica de Susan Ball; sòmente a pequena nem sonhava com ela. Preocupava-se mais com a cozinha, e um primeiro prêmio pelo melhor bôlo num concurso realizado em Santa Mônica fê-la "estrêla". Os diretores da Universal viram, numa revista, a fotografia da bela vencedora.

Barbara Hale foi modêlo de um fotógrafo. Jean Marais retocador de retratos dum atelier de fotografia. Joan Crawford e Ginger Rogers começaram como dançarinas; também o canto tem levado muita gente ao cinema, através do rádio: Jane Powell, June Haver, Gordon MacRay, Doris Day. Outros saíram de programas cômicos radiofônicos: Alan Young (o Ândrocles de "Androcles e o leão") e Donald O'Connor. Alguns passaram, de locutores, a atores; José Ferrer, Leo Genn e Robert Beatty podem servir de exemplo.

Das salas de redação dos jornais saíram Cornel Wilde, Bob Hope e Raf Vallone que já tinha sido antes jogador de futebol, como Rossano Brazzi. Johnny Weissmuller deixou as águas da piscina para balançar-se no cipó, enquanto Buster Crabbe trocou o trampolim pela sela. Quanto a Esther Williams, a água é seu elemento, e nunca saiu dela, nem frente às câmaras. John Payne, outro desportista, foi pugilista antes de enfrentar os refletores.

Alguns "astros" entretanto, ocuparam os mais diversos empregos que nada tinham ver com a carreira cinematográfica. Tyrone Power foi porteiro; Clark Gable, indicador de lugares num teatro. Mel Ferrer já entregou embrulhos; o saudoso John Garfield vendia jornais quando rapazinho e John Hodiak foi mineiro.

Lana Turner foi descoberta quando saboreava um sorvete de creme (seu preferido) numa "drugstore", e Rory Calhoun entrou em contato com o cinema por intermédio de Alan Ladd. Já seu encontro com Ladd foi obra do puro acaso, quando os dois homens se conheceram durante um passeio a cavalo pelas colinas dos arredores de Los Angeles.

Esther Williams era famosa nadadora ante de ingressar no cinema.



SEGREDOS DA TELA

OS HOMENS VOADORES

Por LONG-SHOT



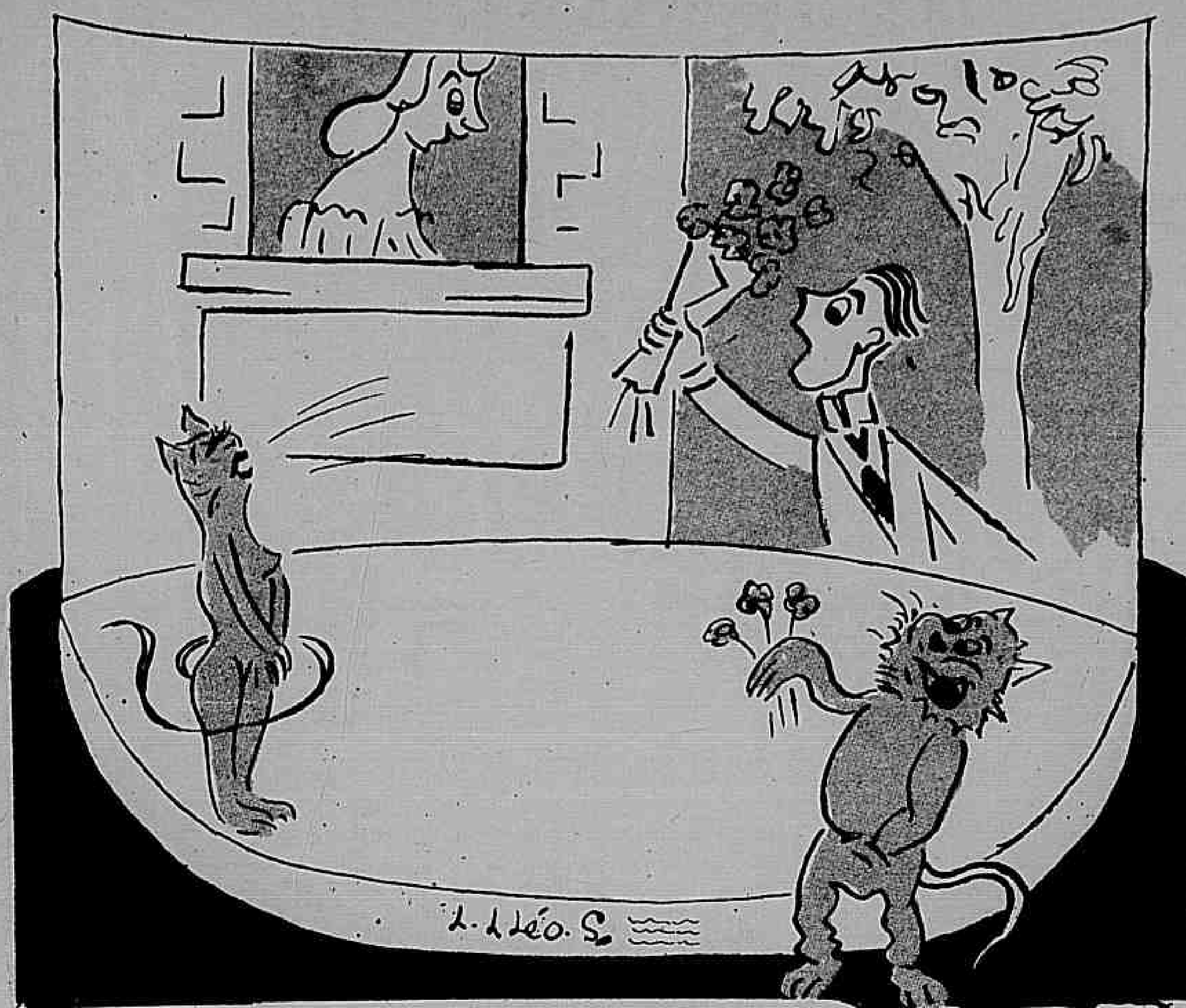


Sequências como esta emocionam o público e levam multidões ao cinema. Entretanto, conforme poderá ser esclarecido no texto abaixo, os «trucs» são simples e, mais ainda, para aqueles que vêm acompanhando esta série de «Segrêdos», uma novidade que «A CENA» lançou no Brasil para os seus leitores. (Cenas de «O Barão de Munchausen» e «O ladrão de Bagdá», de «Les Trucages au Cinéma»)



Há tempos foi exibida nos cinemas do Rio uma «série», que empolgou as crianças brasileiras: «Os homens-morcegos». Êste não foi o primeiro filme a empregar êste recurso de sêres reconhecidamente incapazes de voar que, de um momento para outro, alçam vôo à custa de asas, seja por sua iniciativa própria. No último caso está incluído o filme alemão «O Barão de Munchausen». Em dado momento o Barão agarra-se a um projétil de canhão e com êle empreende longa viagem pelos ares. Êste efeito foi conseguido através de uma simples tela transparente. O ator sentou-se sôbre a bala de canhão e às suas costas, numa tela transparente, eram projetadas vistas aéreas tomadas com a câmara em movimento retardado. No caso do «Ladrão de Bagdá», e seu famoso tapête mágico, o efeito da movimentação do tapête foi conseguido deslocando-se o cenário para trás ou para frente conforme a necessidade. O tapête ficava parado, suspenso no ar por meio de fios invisíveis Nas cenas em que aparecia o tapête voando sôbre Bagdá, procedia-se da seguinte maneira: o tapête era colocado frente a uma tela transparente na qual era projetada uma vista aérea. Filmava-se o conjunto. Em seguida êste filme era projetado em outra tela transparente frente à qual a multidão atuava. Esta seria a cena que apareceria na filmagem definitiva!





A tela guilhotina corta a cabeça das atrizes enquanto o gato faz sua ladainha à gata.

CURIOSIDADES E "CLOSE-UPS"

OS BICHOS TAMBÉM VÃO AO CINEMA

De SANIN

Por incrível que pareça os bichos também vão ao cinema. Se êste consegue fascinar os homens muito mais aos outros animais. Eles vão e ficam. E ficam famosos, às vêzes. Na tela, ratos, patos, ursos, galinhas estampados têm sua graça. Agressivos e espirituosos conseguem ràpidamente um grande público que ri das situações caprichosas e embaraçosas em que se vêem metidos. Lassie, Tiger, Rin-Tin-Tin conquistaram um grande número de «fãs» e um dêles salvou uma companhia cinematográfica da falência iminente. Fizeram época e saíram do panorama cinematográfico como saem os grandes astros. Perdem o prestígio e esgotam a paciência do espectador.

Mas, não é sòmente à respeito dêstes que nos queremos referir. São aos outros, os tais que «ficam». Aquêles que são sistemáticos frequentadores das platéias, apossam-se da sala de espetáculos e fazem dela sua casa. «Recebem» os espectadores à porta com a maior intimidade. Sobem pelas pernas, beliscam-no, mordem-no — pulgas corteses que tão bem nos querem. Alguns proprietários de circuitos exibidores fazem mais questão do espectador a fim de que suas pulguinhas não morram de inanição. Quando, há alguns anos passados, resolveu-se «limpar» a cidade por meio de «Comandos Sanitários» muitos cinemas foram fechados. Um dos proprietários perguntado porque conservava gatos no salão de projeção justificou-se:

«Para matarem os ratos e alimentarem as pulgas quando o filme fôr «fraco».

Bons tempos foram aquêles em que haviam sòmente pulgas. Quando o Politeama era simplesmente «Poli-Pulga». Hoje êle foi reformado, envernizado, aparamentado e, qualquer dia dêstes, vira cinema lançador, de primeira linha, com «ar condicionado perfeito». Hoje, além das espécies citadas existem ainda môscas e mosquitos que frequentemente pousam na lente do projetor — é o sêlo do exibidor!

Os bichos também vão ao cinema levados por mãos caridosas que se interessam pelo desenvolvimento cultural da espécie. Certo domingo, uma sessão das 14 horas no Cinema São Luiz, entrou no cinema um grupo de rapazes. Foram direto para o último andar e acomodaram-se. A projeção já ia à meio quando imensa sombra preta ocupa por alguns instantes a tela e faz-se ouvir, vinda da platéia, um terrível grito de mulher. Os rapazes levaram uma galinha e jogaram lá de cima, sôbre os espectadores. Foi um corre-corre dos diabos. Acenderam-se as luzes e os lanterninha, às mãos cheias de milho, procuravam capturar a ave!

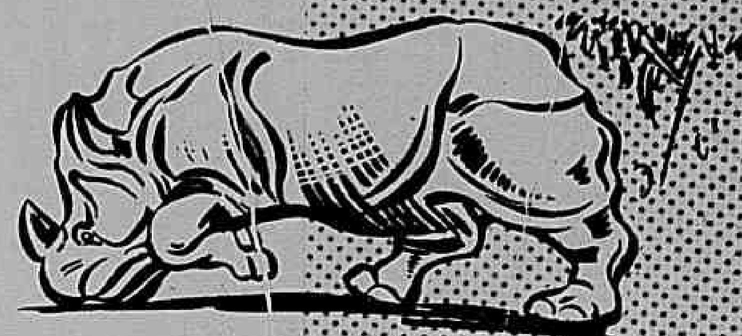
Também no «Odeon», há algum tempo deu-se um fato curioso. Os protagonistas foram um casal de gatos. Habituais frequentadores de cinema o «casal» apreendeu com os homens que a escuridão da sala de projeção presta-se à muita coisa. Bons alunos quiseram levar o aprendizado às últimas consequências e foi um sucesso: Uma cantoria tremenda. O gato chamando a gata; esta respondendo lastimosa e finalmente o encontro e os protestos de amor de parte à parte, terminados em tremenda correira. Foram expulsos pela policia de costumes.

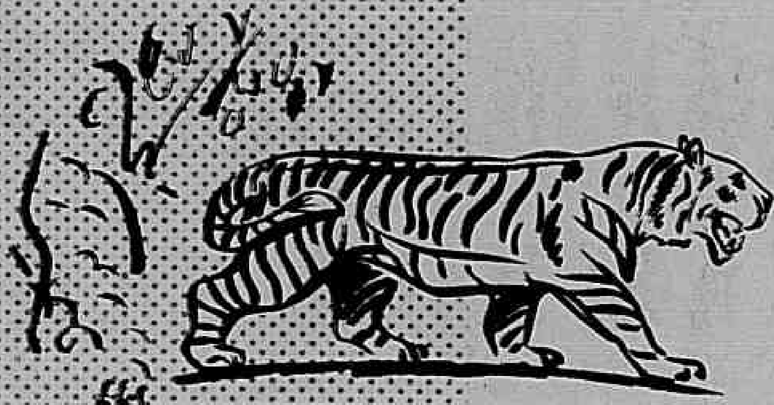
Tais fatos são curiosos e pitorescos. Outros entretanto demonstram o «zêlo» do exibidor e das autoridades pelo confôrto popular. Vez por outra fala-se em aumento de ingressos. Luta-se por êle, preparam-se teses, refutadas, via de regra, por dois argumentos bem fundamentados. Mas seguramente tudo isto vai melhorar. É o que dizem e por que se luta.

NOVELA DAS IMAGENS

F I C H A   T É C N I C A

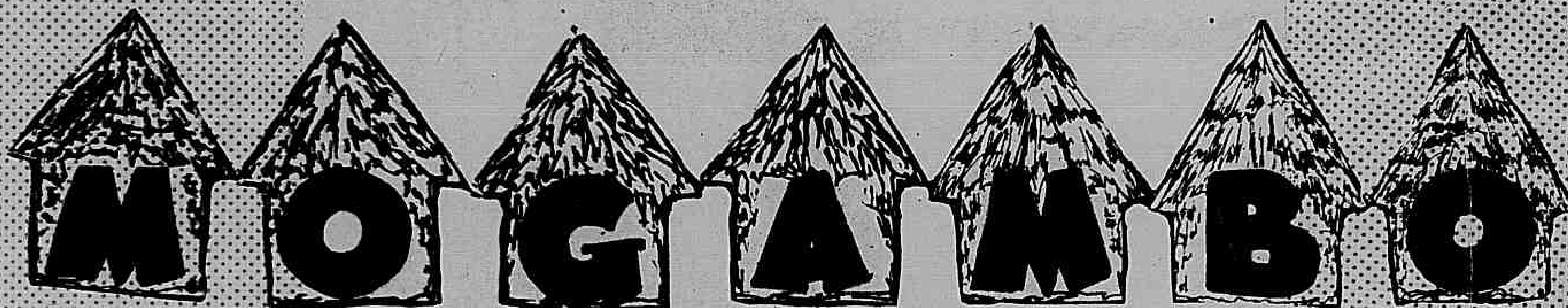
Diretor	JONH FORD
Produtor	SAM ZIMBALIST
Screen-Play	JOHN LEE MAHIN
Fotógrafo	ROBERT SURTEES, A.S.C.
Assistentes de Direção	WINGATE SMITH e CECIL FORD
Distribuição	METRO GOLDWIN MAYER

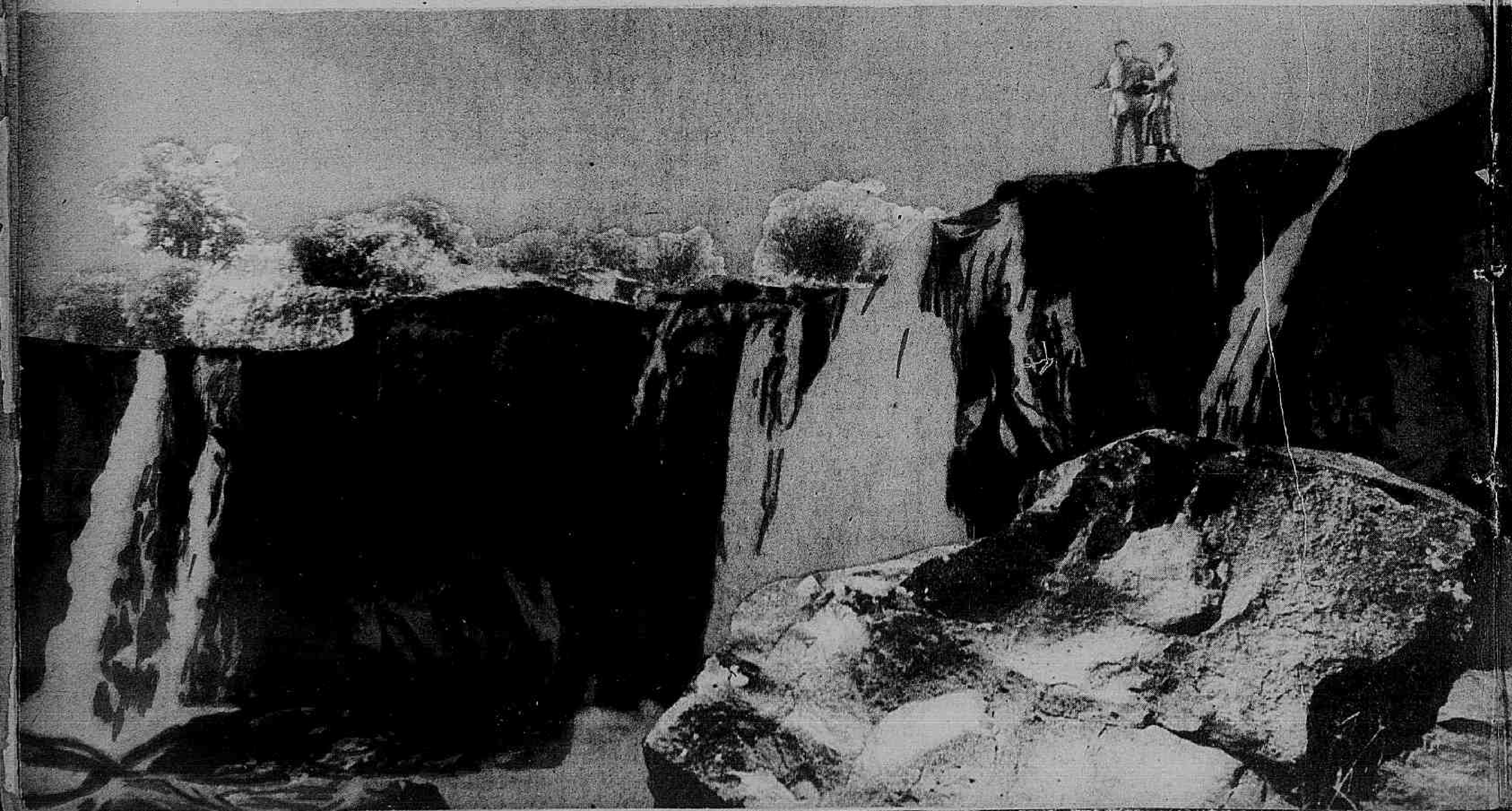




E L E N C O

Victor (Vic) Marswell	CLARK GABLE
Eloísa Y. Kelly	AVA GARDNER
Linda Nordley	GRACE KELLY
Donald Nordley	DONALD SINDEN
John Brown-Price	PHILIP STAINTON
Leon Boltchak	ERIC POHLMANN







De trás das cortinas um lindo rosto feminino apareceu. Ela indignou-se com a presença de um homem no alojamento de que se apropriara. Vic estava intrigado com a presença da bela moça naquelas brenhas.

Vic e Linda não conseguem esconder o amor que nasceu entre ambos.

Em Eloísa nasce o ciúme. Vic aos poucos a abandonava.



Amanhece sôbre a imensa planície africana. O manto da noite descobre um acampamento de duas tendas. Um grupo de nativos dorme em tôrno de uma fogueira, quase extinta, enquanto, ao sereno, está um velho automóvel.

Um indígena, vindo das entranhas da mata, desperta Vic Marswell. Em seu dialeto "Swalili' o adverte da proximidade de um leopardo negro. Vic levanta-se, vai ao catre contiguo e acorda John Brown-Price, um inglês de cêrca de sessenta anos, alto e robusto, com uma enorme cicatriz no rosto John, ao receber a notícia da proximidade da fera, que desejava capturar, levanta-se enquanto Vic vai à tenda ao lado despertar os demais membros da expedição. Leon Boltchak sacudido acorda mal humorado dando visíveis sinais de que estivera bebendo por tôda a noite. Verificados os apetrechos de caça, os caçadores aproximaram-se, e, após muito trabalho, a capturaram.

Enquanto a fera grunhia e esbravejava prêsa à jaula, esta éra colocada em um caminhão. Vigiando-a, Boltchak viajava enquanto os efeitos do álcool, ingerido na noite anterior, faziam-no cabecear e, finalmente, adormecer. Gritos fazem-no despertar enquanto Vic detinha o caminhão que, com dificuldade, rompia caminho através da selva. O leopardo conseguiu libertar-se da prisão enquanto Boltchak, desperto, procurava com um laço, recapturá-la. E, ao mesmo tempo, tentava desculpar-se. Vic aplica-lhe uma sonora bofetada.

A fuga do animal capturado com tanto sacrifício perturbava Vic. Agravava a vinda de um grupo de cientistas aos quais havia se comprometido, mediante contrato, de guiá-los em uma expedição através das selvas africanas.

Ao entrar de noite em sua cabana uma surprêsa o aguardava. Peças femininas lançadas aqui e ali sôbre sua cama. Ouviu a água do banheiro correr e uma voz feminina:

— É você Bunny?

— Não, nunca me chamaram desta maneira — disse êle.

NOVELA DAS IMAGENS

Perguntou-lhe quem era e o que estava fazendo ali. Ela explicou-se dizendo-se chamar Eloisa Kelly, conhecida nos quatro cantos do mundo por Eloísa Miel. Disse que Bunny, o Marajá de Bunapore, a havia convidado para caçar animais e que ela ali estava atendendo ao seu convite. Surpreendeu-se ao ouvir de Vic que o Marajá não mais estava ali. Ela indignou-se e Vic achou sua indignação ofensiva. Disse-lhe que poderia voltar dentro de uma semana, no próximo vapor. Infelizmente Vic soubera pelo capitão do barco que a caravana de cientista que êle esperava ainda demoraria cêrca de uma semana para chegar. Nasceu uma antipatia recíproca entre Vic e Eloísa devido à rusticidade com que êste a tratava.

Certa noite, vestida em "negligé", amedrontada com o contínuo rugir de um leão, dirige-se ao salão onde Vic sòzinho limpava uma arma. Eloisa desculpa-se de entrar aquela hora, não podendo esconder o estado de pânico em que se encontrava. Iniciam uma conversa inconseqüente enquanto ela lia revistas e êle limpava sua arma. Eloisa aos poucos foi se sentindo mais segura e amparada. A antipatia que os mantinha afastados, aos poucos se dissipa quando ela lança-se aos braços de Vic. É que vira uma cobra arrastando-se no chão. Vic a abraçou carinhosamente e explicou:

— Ora. É uma serpente caçadora de ratos. Chama-se Joe. Conservo-a a fim de assustar moças que se lançam em meus braços."

Êles olham-se nos olhos detidamente e finalmente beijam-se.

A semana passou-se ràpidamente mas Donald adoece. Tentando alcançar uma jarra de água, êle cai por terra, desfalecido. A espôsa, Linda, uma mulher cativante, exige então de Vic, providências imediatas. Êste retruca que é impossível conseguir o que ela pretende. Ela indignada aplica-lhe uma bofetada no rosto. O dia morre e Donald sente-se muito melhor. Linda procura Vic e desculpa-se de sua precipitação. Lá de fora uma voz feminina faz-se ouvir. Era a de Eloísa. Entra e explica que o navio que a conduzia encalhara a cêrca de quinze quilômetros e que levaria cêrca de três semanas para concertos. Entre as duas mulheres nasce uma certa animosidade. Certo dia Linda sai a passeio pelas matas quando detém-se observando um grupo de pequenos símios que divertem-se. Logo adiante o rugir de um leopardo a assusta. Um dos símios lança-se sôbre êle enquanto os outros o seguem travando-se então uma luta titânica. Vic, advertido por Eloisa do passeio de Linda, chega ao local onde ela está e, disparando três vêzes, dispersa os animais.

Vic indignado segura Linda pela mão advertindo-a que não desmaiasse. Tomou-a nos braços e leva-a para o acampamento. Ao chegar ao acampamento, sob forte vento Eloisa ajudava Brownie a fechar as janelas da cabana quando viu o par aproximando-se pôs-se a espreitá-los. Notou que Vic à porta depositava Linda cuidadosamente no chão enquanto esta conservava os braços envolvendo o pescoço de Vic. Linda entretanto entra para o interior da casa seguida de Vic. Assim que êste vê Eloísa fala-lhe:

— Você não queira saber o perigo por que passou Linda.

— Sim, eu sei, — respondeu ela com malícia.

Na manhã seguinte Donald mostrava sensíveis melhoras. A atmosfera era tensa e mal trocavam-se palavras. Vic, para amainar a tensão, propôs a Donald partir tão logo êste desejasse. Donald recebeu a notícia com regozijo. Sua espôsa temerosa do caminho que tomava sua amizade com Vic, não participou desta alegria. Concordaram todos que Eloísa deveria acompanhá-lo pelo menos até a estação de Kina, onde seria fácil de obter meios de transporte. Lembra também aos amigos e associados que deveriam capturar dois gorilas jovens a fim de satisfazer a encomenda do Circo Ringling.

À tarde, surge no caminho que deveriam atravessar, um imenso rinoceronte. Êste investe contra o automóvel enquanto Vic, arma em punho, saltava e apontava para um ponto vulnerável do animal. O rinoceronte com seu corno fura o radiador do carro e dirige-se contra Vic.

Calmamente Vic aciona o gatilho e a fera tomba, contorcendo-se. São obrigados a interromper a viagem para fazer as reparações que o carro danificado precisava.

À noite, quando Linda achava-se só, Vic dirige-se a ela. Esta mostra-se preocupada com as constantes observações maliciosas de Eloísa. O caçador a acalma. Êles conversam longamente e Vic declara-se enamorado dos seus encantos. Ela procura disfarçar o amor que também sente mas não o consegue por muito tempo; seus corpos começam a aproximarem-se um do outro quando a voz de Donald os obriga a interromperem o beijo iminente:

— Sabes querida, êste é o quinto jôgo que ganho!

No dia seguinte, o automóvel reparado prosseguiram a viagem. Viajava Vic ao lado de Linda e Eloísa atrás dêles. Ela estava indignada com a perda do amor de Vic e ansiava por chegar à estação de Kina. Em dado instante, quando Linda murmurava qualquer coisa ao ouvido de Vic, ela levanta-se furiosa e tomba no rio, devido ao movimento da embarcação. Vic e um dos remadores atiram-se à água e conseguem salvar Eloísa da voracidade dos crocodilos. Eloísa depois dêste incidente transferiu-se para a outra canôa e, no dia seguinte, chegaram à estação de Kina. Vic estranhou o silêncio que pesava sôbre a cidade. Ao longe ouvia-se o bater de tambores. As canôas prestes a partir, encostadas à margem, Vic e seu grupo dirigem-se ao pôsto da Oficialidade local rompendo por entre a multidão indígena. Entrou pelo quartel a dentro e verificou que o oficial estava ferido e dando mostras de grande sofrimento. Ao mesmo tempo que o transportam os selvagens revoltam-se e tentam detê-los. Conseguem



A caravana atravessa o planalto em direção às matas onde abundavam gorilas.

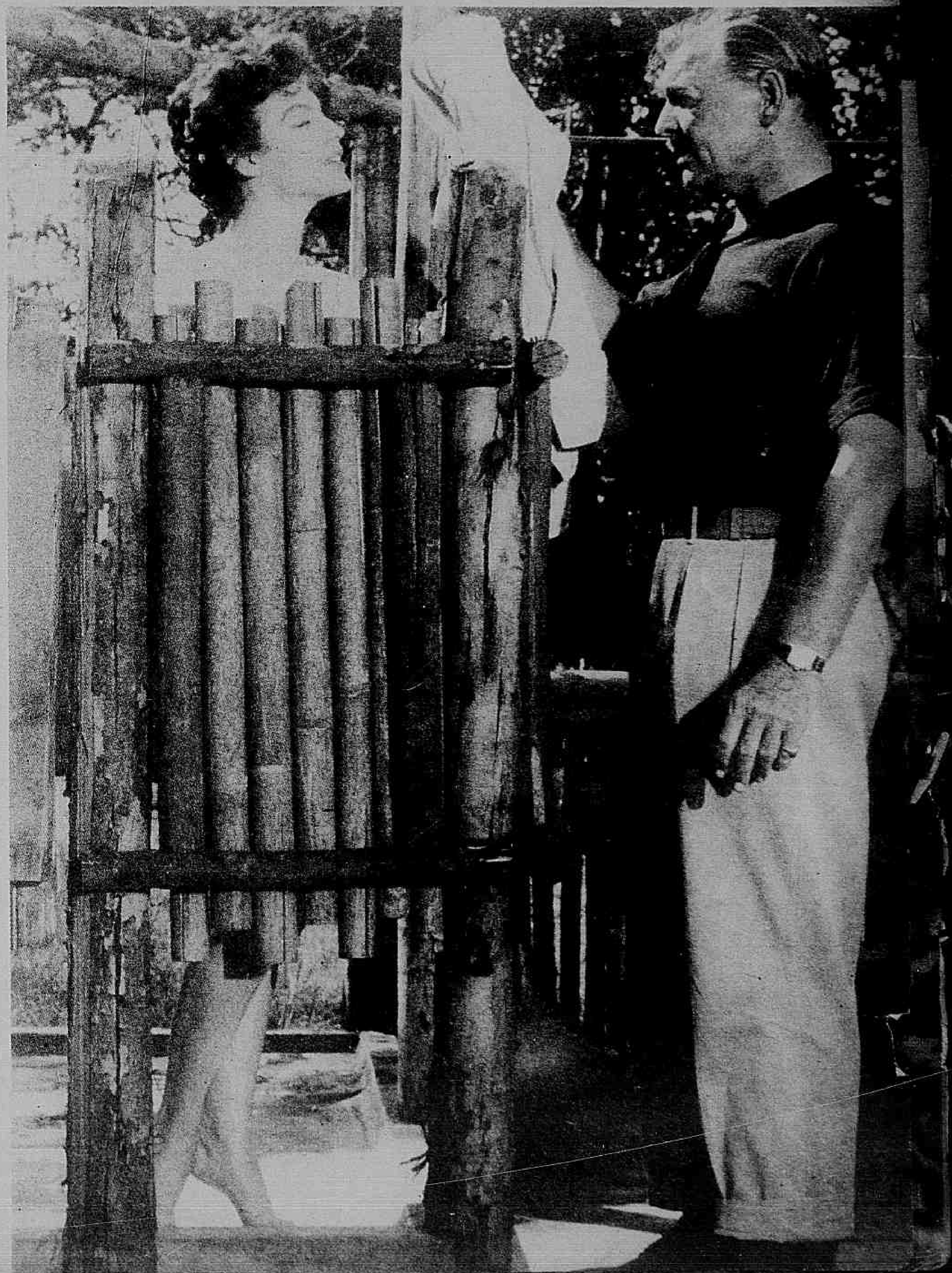
A bela e a fera. A caça é por vêzes menos perigosa que o caçador.



então vencê-los, obrigando-os a recuarem, abrindo caminho a fogo. O oficial do distrito morre nesta mesma tarde. Eloísa é obrigada pelas circunstâncias a continuar integrando o grupo. Dias depois chegam ao local onde deveriam empreender a caça aos gorilas. Internam-se na mata e descobrem o local freqüentado pelos animais. Retiram-se a fim de apanhar os apetrechos necessários para a caça.

Nesta mesma noite enquanto Donald dormia, Linda e Vic conversavam. Êste sentia-se preocupado com a situação existente entre ambos, situação que era desconhecida sòmente por Donald. No dia seguinte, tudo preparado para capturar os animais, sôbre uma árvore Vic e Donald conversam. Aquêle dispõe-se a contar o romance que nasceu entre êle e a espôsa do amigo. Donald encaminha a conversa em outro sentido. Êle diz a Vic o quanto o estima, acentuando a semelhança de seus caráteres. O fato de possuir uma renda de 50.000 libras e poder dar a Linda o confôrto que ela merece não o torna melhor que Vic. Apesar dos esforços de todos não conseguem capturar o gorila. À noite, Vic mostra-se enfadado e disposto a voltar o mais cedo possível para o acampamento.

Lá chegando, Eloísa pergunta-lhe do sucesso da expedição. Vic conta-lhe o sucedido. Eloísa, visìvelmente desiludida com a indiferença do seu antigo companheiro endereça-lhe sutis indiretas que aumentam ainda mais o embaraço do caçador. O vinho que aos poucos ingeriam embriaga Vic e Eloísa. Linda ouvindo a voz de Eloísa vai verificar o que está acontecendo. Indigna-se diante da atitude de seu amado e adverte-o sèriamente. Êle não quer tomar em consideração as advertências de Linda e esta indignada, com um revólver faz um disparo sôbre Vic. Donald que voltava da mata a fim de conversar francamente com a espôsa, corre e irrompe tenda a dentro vendo ainda Linda com a arma na mão e Vic sem camisa tentando prestar-se os primeiros socorros, à ferida que o projétil lhe fizera ao ombro. Eloísa explica então a Donald que Vic, completamente embriagado tentara seduzir a espôsa do pesquisador e que esta defendendo-se atirara, ferindo-o. Dias depois cumprida a missão que lhe coubera, todos partiram exceto Eloísa que ficaria mais alguns dias quando voltaria com Vic para a civilização onde se casariam.



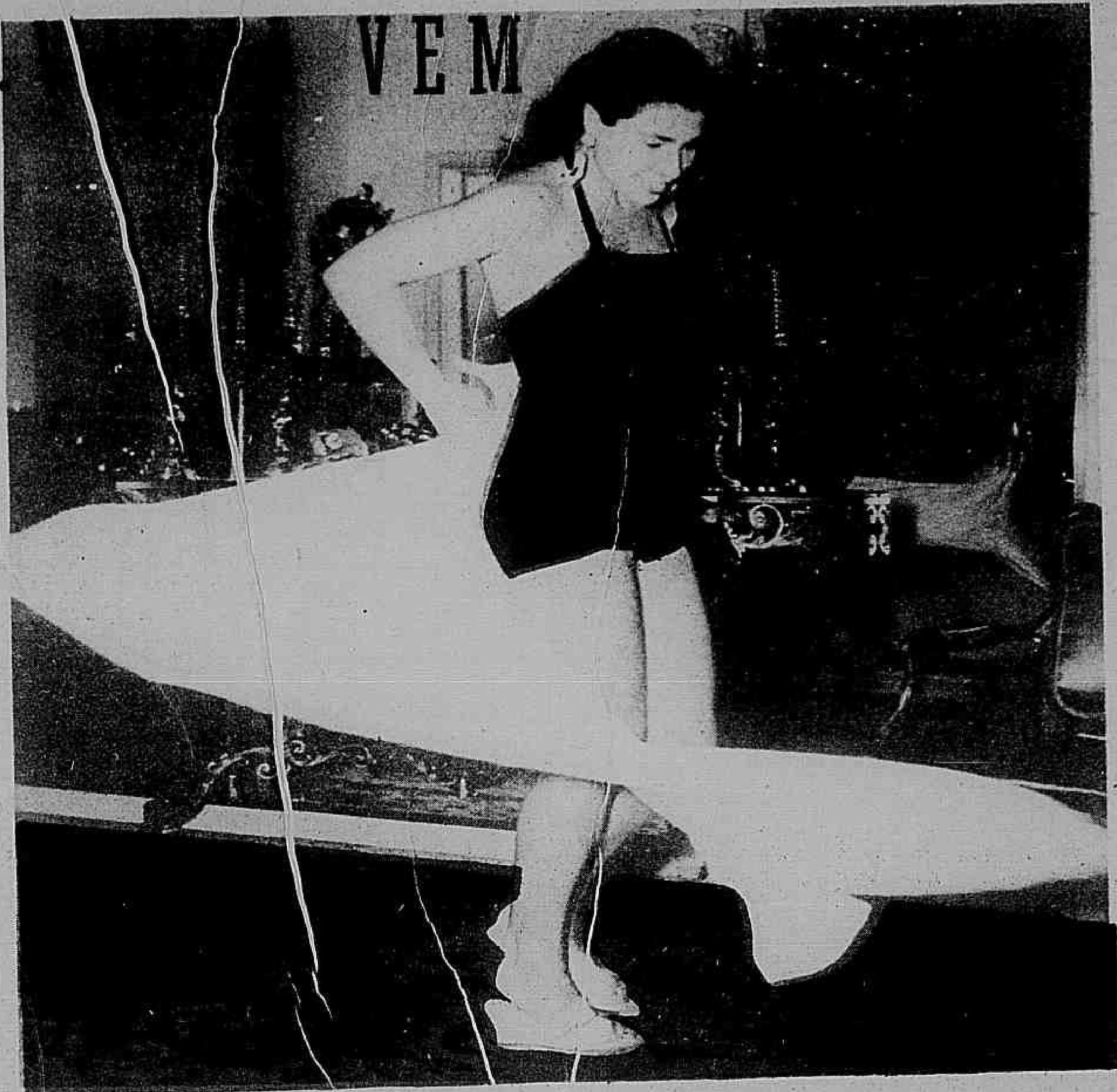
«Bunny» diz Eloísa, «não seria capaz de entrar sem permissão no quarto onde uma senhora se banha».

VANJA VAI ... VEM

Filmando, ao mesmo tempo, em duas co-produções viaja de um para outro ponto

de SANIN, exclusivo para "A CENA"

Vanja apareceu pela primeira vez ao público brasileiro em "O Cangaceiro", de Lima Barreto. O nome era meio estranho. "Maria Bonita" mais fácil que Vanja. Ou, então, o despropositado Uanja, como pretendiam alguns mais afeitos às coisas do norte. Houve o Festival de Cannes e lá se foi a moça carregando o sucesso de suas músicas colhidas no folclore. E dançou o frêvo para muita gente aplaudir e fazer-se conhecida como a "Muié Rendêra". Voltou ao Brasil e foi cantar "Sodade meu bem, sodade" na buate do Copacabana-Pálace. Quem não gostou foi o outro público que, então, já amava a brasileirísima e cantava os ritmos de seu sangue. O Copacabana é caro para a maioria. Mas não importa. No Municipal, que é mais fino ainda, ela deu um espetáculo que todo mundo pôde assistir. Muitos ganharam um programa com o retrato dela bem grande. Distribuição do seu maior admirador: o deputado Osvaldo Orico, seu pai. Por algum tempo Vanja andou desaparecida, viajando pelo interior do Brasil, travando contato com o povo e seus problemas. Amando-o e sendo amada. Não foi uma excursão artística, dessas que fazem os cantores que chegam à tarde na cidade que se enfeita para recebê-los, passam a noite, cantam e vão embora. É que Vanja boa folclorista, interessa-se sobretudo pelos problemas da terra que não



Uma extravagância: Vanja de «maillot» ensaia um frevo.

«Vanja vai, Vanja vem»: durante sua estada na Itália, banha-se em um lago.





O PROBLEMA AMOROSO de GENE TIERNEY

"A VISITA DE ALI KHAN SERÁ UMA DECISIVA PROVA PARA NÓS"

(Fala Gene Tierney)

Se Gene Tierney se casar com Aly Kahn, ela será a sucessora de Rita Hayworth sôbre cuja filha, Yasmin, tem havido debates legais. Filhos de Aly Kahn têm que ser educados na religião muçulmana, uma vêz que seu título é espiritual e os ritos da religião de seu pai não podem entrar em conflito com a de Ismaili Mir, seu dirigente político.

Enquanto Gene representa na produção de Zanuck, "The Egyptian", ela pensa também num certo Príncipe do Paquistão.

Gene na sua casa de campo onde espera o príncipe e suas jóias.



Depois de um ano de ausência da tela, Gene Tierney está de volta a Hollywood a fim de fazer o papel de Baketamon, em "The Egyptian".

Gene e o seu romance com o Príncipe Aly Kahn têm-se mantido nas primeiras páginas dos periódicos de todo mundo.

— Não existe nenhum compromisso oficial entre mim e Aly Kahn — diz Gene quando lhe fazem perguntas sôbre seu romance de amor que despertou tanto interêsse e curiosidade nos círculos artísticos e sociais. "Existem grandes problemas, sérias fases da vida a serem consideradas por nós dois, antes de nos precipitarmos num casamento, sem demorada ponderação e reflexão".

Enquanto se decide, Gene aparece carregada de brilhantes, trazendo uma esmeralda no anular direito, um bracelete de brilhantes brancos, combinando perfeitamente com os brincos — presentes de Aly Kahn. Aga, pai de Aly, recebeu em brilhantes, o seu próprio pêso, em 1953. Êste ano, seu pêso foi igualado em platina. De agora em diante, o pêso do próximo jubileu ficará a cargo da imaginação de cada um.

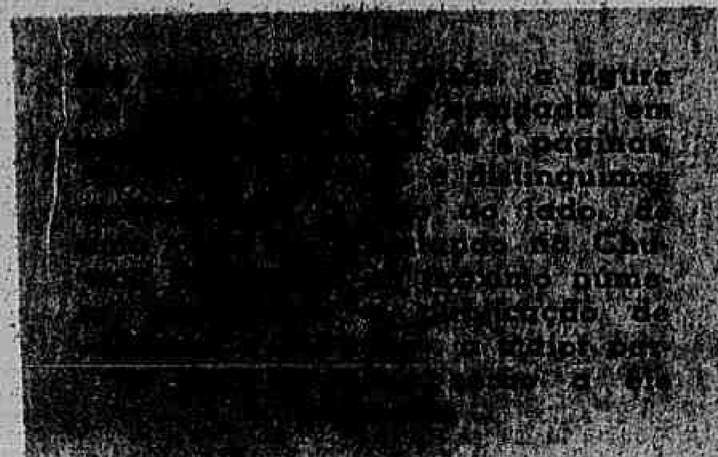
— Vou voltar para uma pequena casa que possuo em Beverly Hills e que eu ocupava antes de partir para a Europa — diz Gene. Depois que Aly terminar a sua viagem à América do Sul, onde se encontra no momento, e fôr ao Paquistão e ao Cairo, êle deverá vir a Hollywood e aqui ficará a maior parte do tempo durante o qual estarei trabalhando em "The Egyptian".

Gene, francamente, admite que a visita de Aly Kahn aos Estados Unidos será tal qual uma prova de fogo em seu romance. Seu papel exigirá longas horas de trabalho no estúdio. No fim de um dia de trabalho, ela não poderá ir às festas ou aos "night clubs" que fazem parte da rotina cotidiana do ativo Aly.

Estará presente em Hollywood a sra. Belle Tierney, mãi de Gene como também a filhinha de Gene, Tina, de 5 anos de idade e que recentemente voltou de Connecticut onde estava passando algum tempo com seu tio.

— Não estaremos cercados pela comitiva de empregados que caracteriza a vida de Aly na Europa e que fazem parte da vida diária de seu pai — diz Gene. — Quando eu der uma festa para Aly, esta terá que ser no jardim, pois minha casa não é bastante grande para receber todos os meus amigos. Foram-se oferecidas grandes casas, com enormes salas e esplêndidas facilidades para receber bem os amigos mas eu quero que Aly saiba que eu vivo uma vida, de certa maneira simples e conservadora e que trabalho sèriamente quando estou fazendo um filme!

A NOSSA CAPA

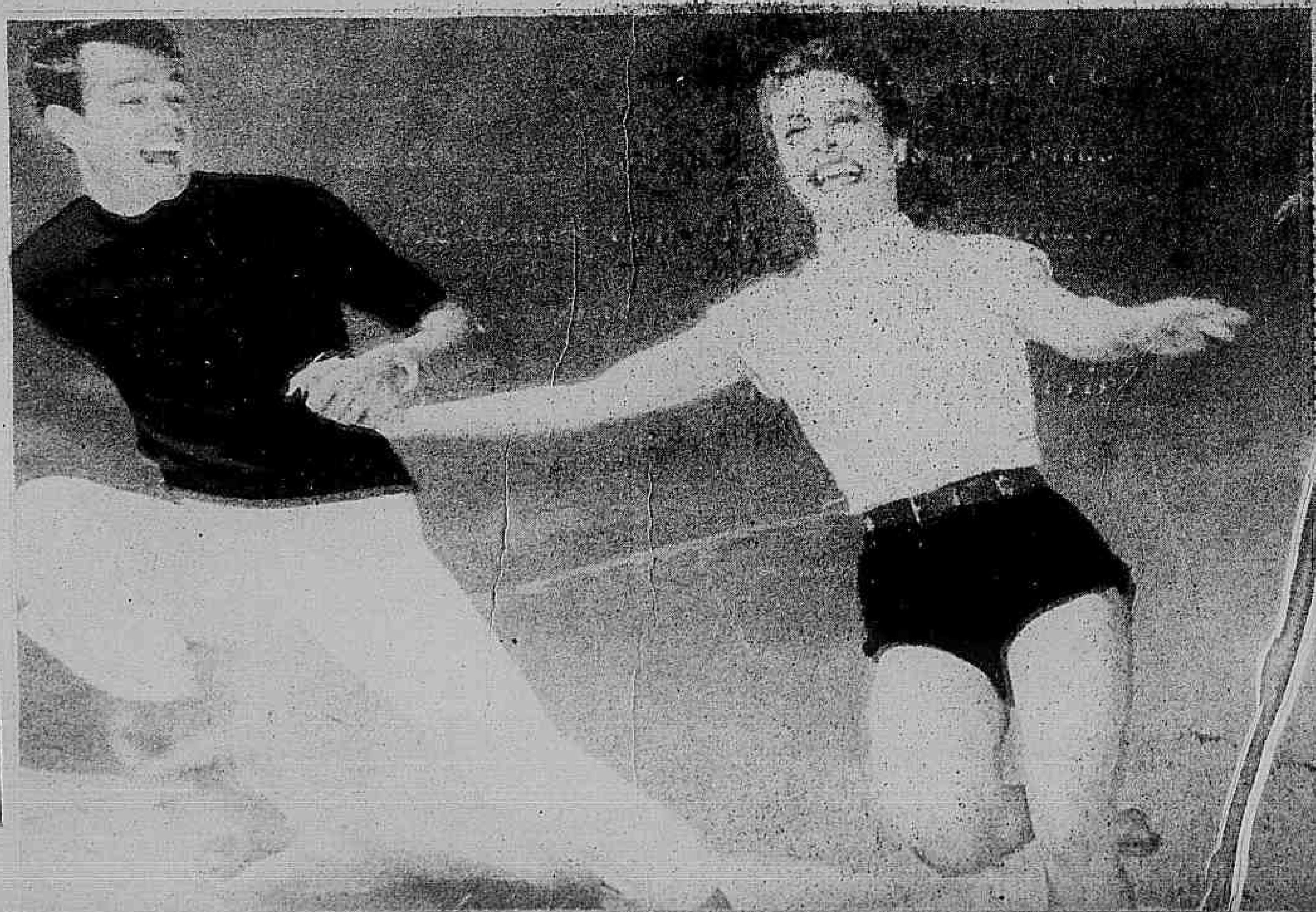


[redacted]

Desde o advento do som, com os musicais, que as danças se vinham insinuando através da tela. No campo popular, dos bailados regionais americanos, muita coisa se foi desenvolvendo, servindo de inspiração para temas mais sérios, que despontariam mais tarde, conforme frisamos no números anterior. O decênio de 1930 a 1940 muitos pontos já foram abordados mas sempre vale a pena citar que, entre as películas com danças ligeiras "A rua 42" foi uma das mais interessantes.

O engenho de Busby Berkeley, diretor de dança de muitos dêsses filmes, está em sua capacidade de manobrar enormes côres em amplos tablados. Mais do que em qualquer genuíno poder criador de formas de dança, na verdade suas coristas, às vêzes, quase nem se movem. Conforme Arthur Knight frisou em artigo publicado em "Dancing in Film", com corpos humanos êle produziu formas tão abstratas como jamais foram encontradas nos mais abstratos filmes de vanguarda.

Em nível curioso há a série de filmes de Fred Astaire e Ginger Rogers. "Voando para o Rio" e "A vida de Vernon e Irene Castle" representam boas realizações do cinema no campo da dança ligeira. Os números dos seus filmes eram não só coreogràficamente valiosos mas filmados com imaginação. Por exemplo: o número de "Bojangloo" em "Ritmo Louco", mostrava brilhante contratempo entre Astaire e suas três sombras. Os melhores números nos filmes de Astaire-Rogers eram sempre concebidos em têrmos de cinema, não de teatro — e não se realizavam em tablados do tamanho de um aeródromo. "Isn't this a lovely day ", em "Picolino" era dançado num coreto de jardim, e "Yam" de "Dance comigo", na pista de dança de um clube. Estas e muitas outras de suas danças provam que é possível realizar efeitos originais mercê a coreografia inventiva e uma câmara expressiva. Nenhuma das parceiras ulteriores de Fred Astaire substituiu satisfatòriamente Ginger Rogers. Em



A dupla Chapman recentemente lançada pela MGM, constituem o último par de bailados ligeiros lançados na tela, com êxito.

"O CINEMA E A DANÇA"

111 — OS BAILADOS LIGEIROS NA TELA

DE MARIEN, EXCLUSIVO PARA "A CENA"

conjunto, faltaram, em seus últimos filmes, o encanto e a jovialidade dos primeiros, muito embora os números de solo como fervilhante "Putting in the Ritz" em "Romance Inacabado", não hajam minguado em brilho. Tendo começado como parceria convencional, de uma dupla de bailarinos, Astaire ampliou depois seu âmbito. Tornou-se capaz de exprimir em dança não apenas a irresponsabilidade de um número como "No Strings" em "Picolino", mas também o tom quase elegíaco de "Never gonna dance", em "Ritmo louco" e "One for me baby" em "Tudo por ti". Ao mesmo tempo, continuava a desenvolver sua técnica a ponto de se capacitar a trabalhar proveitosamente com Eugne Loring, um dos talentosos discípulos americanos de Balanchine, que coreografou para Astaire "Yolanda e o ladrão" de Minelli, onde havia um lindo bailado: "Tristezas do Bairro Chinês". Seu primeiro filme com Judy Garland "Desfile de Páscoa", foi um êxito.

Às vêzes pode-se encontrar bom trabalho de dançarinos solistas em musicais de resto convencionais. Marc Flatt que foi promovido à Hollywood vindo do "Ballet Russo", via Oklahoma, estreou em cinema no filme "O Coração de uma cidade". Paul Draper, cujo aparecimento no cinema foi numa das obras menos credenciadas de Ruby Keeler, não deu indicação de talento altamente original, alcançou um bom êxito no filme de Saroyan "Um momento em cada vida", no papel criado por Genne Kelly. Kelly estreou no cinema em um filme de Cole Porter "Dubarry era um pedaço", e, depois de uma série de papéis não dançantes em outras fitas, em "A filha do comandante" — nenhuma delas notável. Foi só depois de representar o primeiro papel ao lado de Rita Hayworth em "Modelos" que reralmente firmou-se como dançarino nos filmes. Além dos trabalhos de câmara de Maté, que distinguiu "Modelos" das extravagâncias rotineiras em "Tecnicolor", havia a dança e particularmente a dança de Kelly, com seu alter ego, que era mais que um habilidoso truque fotográfico. Já nos filmes de Astaire-Rogers houve danças que evoluiam naturalmente da história: a dança de Kelly levava esta idéia de conclusão lógica, deixando a dança exprimir e solver um conflito na mente do personagem que êle estava representando. Outro bom número era a dança de Kelly, Hayworth e Phill Silvers, em que a rua se torna o cenário de uma dança representando a irreprimível alegria de viver.



Fred Astaire e Ginger Rogers que tanta importância tiveram nos bailados populares na tela.

CARTAZES em Revista

Orientação crítica de JONALD, L. BOLTSHALSER e H. ANDERSEN ★ Em São Paulo: C. MAXIMIANO

Cotações de A CENA (de 0 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 ½ — ótimo e admirável; 3 e 3 ½ — bom e muito bom; 2 e 2 ½ — sofrível e regular; 1 e 1 ½ — fraco; ½ — detestável; 0 — inqualificável.

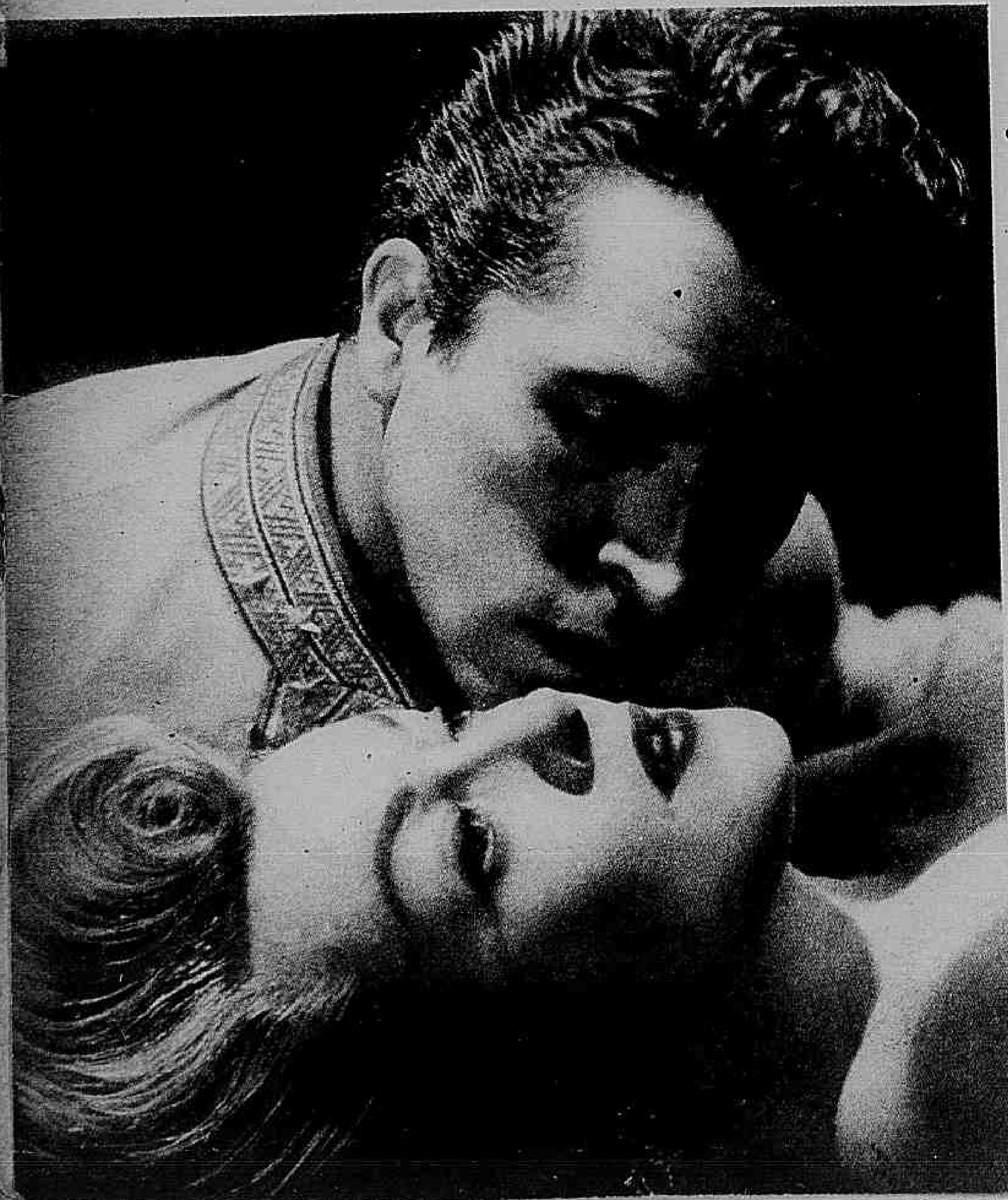
LANÇAMENTOS NO RIO

PRÉ-ESTRÉIA DO FESTIVAL M. G. M.

2 — "A VIÚVA ALEGRE"

Por diversas vêzes voltou-se o cinema para a opereta de Franz Lehar e, em cada uma delas, com um sentido diferente. Foi o saudoso Lubitsch, fugindo do tema original, para melhor impor a sua veia satírica e inimitável, que obteve, em 1935, a melhor de tôdas as versões. A atual tem muito luxo e seguiu bem mais aproximadamente o assunto. Entretanto, o filme não satisfaz por duas principais razões. A primeira porque teve uma dupla e infeliz escolha dos dois protagonistas centrais. É inaceitável a figura de Lana Turner na «viúva alegre». Sem finura nem sutileza, em busca de uma composição à altura, vulgarizou a personagem com os seus tão repetidos trajeitos. Foi simplesmente a Lana Turner. Ainda pior mostrou-se o ator argentino Fernando Lamas. Em tôda a história da Metro, jamais um tão legítimo «canastrão» foi elevado à categoria de «astro». Depois, talvez insinuado pela direção, procurou imitar o estilo do notável Maurice Chevalier. Há até uma seqüência — os preparativos de Danilo a fim de ir até o «Maxim» — na qual o plágio começa pelo roteiro, continua pela direção de Curtis Bernhardt e termina, de maneira lamentável, nos gestos e atitudes dêste terrível ator que é Lamas. Desta maneira, a crítica da película torna-se simplificada. Falhando, tão intensamente os principais papéis, o celulóide não poderia viver da curiosidade das situações, do inegável fausto e cuidado artístico com que a Metro cercou o filme ou, ainda, do acêrto dos coadjuvantes, onde Merkell, Richard Hayden e Thomas Gomes (êste já com certos exageros, não tão bem quanto os anteriores) conseguem satisfazer. Boa a fotografia de Ruttenberg, com o «technicolor» bem escolhido. Título original: «The Merry Widow», Metro.

«A Viúva Alegre» do «Festival MGM»



PRÉ-ESTRÉIA DA PRÓXIMA SEMANA

2 — "NEM SANSÃO NEM DALILA"

Seguindo a regra geral, para o cinema brasileiro, os obstáculos estão muito ligados à história e ao roteiro. Em lugar de procurar temas com vínculos muito próprios aos costumes do país, às coisas nossas, de tanto agrado público, há uma tendência geral na busca das idéias que, além de terem sido muito exploradas em cinemas de maior recurso, o são particularmente difíceis. O caso dos filmes fantásticos, que partem através de sonhos, para outras épocas, à procura de anacronismos, tem sido demasiadamente vistos. Mesmo em busca da sátira, não adiantou muito à Atlântida procurar a ilusão de fausto, na era bíblica, quando havia necessidade de muito mais e assim por diante, em todos os setores. Depois, seria indispensável o equilíbrio no roteiro e, ao contrário, são intuitivas as passagens bruscas, sem continuidade. Há, de fato, momentos isolados com a sua graça e outras situações que vivem das qualidades individuais de Oscarito. Porém, em conjunto é desarticulado, sem as características mínimas exigidas para um divertimento. Nota-se a falta de maior esfôrço da base, na mesa de trabalho, na estruturação. Conseqüentemente, tem a sua remissão o diretor Carlos Manga que, embora mostre os seus erros, não pode, entretanto, ser responsabilizado por outros maiores, como a falta de boa preparação ao arcabouço. Mais ainda do que ao diretor, os atores teriam de revelar fraquezas, ante a desarticulação de pontos básicos. Com exceção de Oscarito, todos os demais estão muito aquém das suas possibilidades, incertos e até hesitantes e isto diz tudo: Fada Santoro, Cyll Farney, Eliana, Wilson Grey, etc., etc. Produção Atlântida, a estrear.

2 ½ — "ENTRE A ESPADA E A ROSA"

Já comentado entre as «80 Pré-Estréias do Festival». Não foi muito feliz esta produção de Walt Disney, dirigida por Ken Annakin. Embora os méritos dos responsáveis, os intentos de sátira histórica não lograram os objetivos. Entretanto, é apreciável a atmosfera descritiva, os ambientes da côrte de Henrique VIII. Aceitáveis os intérpretes, com Richard Todd e Glynis Johns entre os principais. Em exibição no circuito do Plaza.

1 — "DE PECADORA A SANTA"

Narrativa cinematográfica da vida de Margarida de Cortona, com características de melodrama e em estilo novelesco. Uma história tristíssima, bem ao gôsto italiano, a que não faltam vedetas, amôres proibidos, madrastas tiranas e sedutores vulgares. Mas a tragédia vai mais além, terminando finalmente com um suicídio, um assassínio e um milagre. Espetáculo altamente aconselhável aos que gostam de verter lágrimas sentidas, «De pecadora a santa» agradará certamente aos apreciadores de novelas radifônicas. Mario Bonnard dá descolorida forma cinematográfica à comovedora história, enquanto Maria Frau é uma novata sem nada de especial. Do elenco, destacam-se os conhecidos Aldo Nicodemi e Isa Pola. «Margherita da Cortona», uma produção Scalera-Secolo Film lançada na tela do Art-Palácio.

½ — "O QUE O MUNDO NÃO SOUBE..."

É uma película eclesiástica dirigida contra o regime dos países da chamada «cortina de ferro». Sob os mesmos moldes usados pela imprensa sensacionalista, a película não traz nenhuma fôrça como propaganda. Possui antes de tudo um desenvolvimento bastante ingênuo e uma pretenciosa e fraca exposição cinematográfica. Manuel Delgado, acostumado a dirigir as comédias do popular Cantinflas, não se sente muito à vontade neste gênero de filme. Destaca-se no elenco o conhecido ator Domingos Soler. Esta película se situa entre as outras quatro de temas religiosos lançados nesta Semana Santa. «O que o mundo não soube», película de procedência mexicana, estreou no cinema Alvorada.

FILMES EXIBIDOS A PARTIR DE 12 DE ABRIL

1 ½ — "FRANCISCO, ARAUTO DE DEUS"

Apenas a Semana Santa justifica a apresentação de «São Francisco de Assis» do irregular Roberto Rosselini. O argumento não é falho em sua verdade histórica. Procura retratar os episódios da vida do santo. E apesar de o roteiro ter sido assinado por Rosselini e Federico Felini é desinteressante. Embora à procura de um retrato mais fiel e autêntico perdeu muito de sua qualidade cinematográfica. O filme ressente-se de movimento exterior; é de monotonia ímpar, apenas dispersada pela fotografia e composição plástica de câmara de Otello Martelli. Realizado à maneira dos filmes neo-realistas, em sua fase mais dogmática, não emprega atores profissionais, excessão de Aldo Fabrizi, em um tirano de crueldade caricata, que não consegue esconder o cômico que é. Uma armadura de ferro, que mais parece um tanque de guerra, em lugar de aumentar e destacar a agressividade do personagem, apenas contribui



«Spartaco» em exibição mas já criticado no número anterior nas «Pré-estréias» de A CENA

para o ridículo do mesmo. A música de Renzo Rosselini, constituída de coros de inspiração sacra, não consegue valorizar os episódios. Dentre todos, destacamos o «Encontro de Assis com o Leproso», pelo patético que encerra, a discrição e comovente «mise-en-scène» e a perfeição da maquilagem. Para equilibrar a película que não consegue ter um desenvolvimento convincente, alguns episódios cômicos vêm à luz da projeção. Estreado no Rivoli.

LANÇAMENTOS EM SÃO PAULO

3 ½ — "O PÁRIA DAS ILHAS"

(EXIBIDO NO RIO (ANO PASSADO) E NAO CRITICADO EM «A CENA»)

Filme importante, na filmografia de Carol Reed. As suas principais qualidades são a montagem, em têrmos de uma vivacidade que não é, geralmente, característica das películas inglêsas, a atmosfera, e o clima (o ambiente que sufoca e exaspera o protagonista) conseguidos esplêndidamente por Reed, que pôde realizar filme sério e verdadeiro, sem certos virtuosismos de um «Terceiro homem». A linguagem cinematográfica é forte e expressiva. A fotografia excelente e a atuação do elenco admirável, especialmente Trevor Howard, Robret Morley e Kerima, a qual nada fala mas o quanto exprime e sugere com o olhar! («Outcast of Islands»). Exibido no Ópera.

SEMANA INICIADA A 5 DE ABRIL

3 — «O MANTO SAGRADO» («The robe») — Fox, em «technicolor» e em «cinemascope». Direção de Henry Koster. Com Jean Simmons, Richard Burton, Victor Mature e Michael Rennie. (Lançado no Cine República). Já criticado em A CENA, em «Pré-Estréia».

3 — «A RAINHA VIRGEM» («Young Bess») — Metro, em «technicolor», direção de George Sidney. Com Jean Simmons, Stewart Granger. (Cartaz do Metro).

1 ½ — «ESCRAVOS DA BABILÔNIA» («Slaves of Babilon») — Columbia, em «technicolor», com Richard Conte e Linda Christian. Direção de William Castle. (No Ipiranga). Já criticado em A CENA.

1 — «CAPITÃO PIRATA» («Yankee Buccaneer») — Universal, em «technicolor», com Jeff Chandler e Susan Ball. (No Marabá). Já criticado em A CENA.

2 ½ — «AÇÃO FULMINANTE» («Island Rescue») — Filme inglês, com David Niven e Glynis Johns, direção de Ralph Thomas. (No Ritz São João). (Crítica a ser publicada na época do lançamento no Rio).

3 — «ALMAS EM PECADO» («Jocelyn») — Produção francesa. Direção de Pierre Braunberger, com Jean Desailly e Simone Valère. (No Marrocos).

OUTRAS APRESENTAÀÕES

«O BIRUTA E O FOLGADO» («The Stooge») — Paramount, com Dean Martin e Jerry Lewis, direção de Norman Taurog. (No Art Palácio, em tela panorâmica).

«EU SOU O CAPATAZ» — Produção italiana, com Silvana Pampanini e Rascel. Apresentação Cadet, no Jussara.

«FRONTEIRAS DE MORTE» — (**«Cavalery Scout»**) — Allied Artists. Com Rod Cameron. Em «cinecolor». (No Broadway).

EM "REPRISE"

«PASSAGEM PARA MARSELHA» — Warner, com Humphrey Bogart e Michelle Morgan. Direção de Michael Curtiz. (No Bandeirantes).

PERMANÊNCIA EM CARTAZ

«OS FILHOS DE NINGUÉM» — (12ª semana, no Para Todos).
«O LADRÃO DE ESMERALDAS» — (2ª semana, no Normandie).

«A Renegada» da Republic, em exibição na presente semana.



DE TODO O MUNDO

SERVIÇOS ESPECIAIS PARA «A CENA»
COORDENADOS POR L. BOLTSHALSER

INGLATERRA

Casaram-se secretamente em Londres a bela "estrêla" franco-canadense Suzanne Cloutier, e o conhecido produtor, ator e dramaturgo Peter Ustinov. Ela foi a heroína de "Vítimas do destino", e êle estêve presente nas telas cariocas em "Odette", "Hotel Saara" e como Nero, em "Quo Vadis". Ambos já tiveram anteriormente uma experiência matrimonial; ela conta 25 anos, e êle, 32. Logo após a discreta cerimônia nupcial, o casal (que forma uma versão século XX de "A bela e a fera") partiu para Hollywood, onde Ustinov deverá atuar em "O egípcio".

O popular galã britânico Dirk Bogarde recebeu um convite para substituir Marlon Brando no elenco de "O egípcio". Como se sabe, o papel pareceu tão ruim a Brando que êste arrumou as malas e fugiu precipitadamente todo assustado, de Hollywood. Montgomery Clift, convidado a tomar o lugar do ator, declinou a oferta, pois vai contra os seus princípios aceitar um papel de "segunda mão". Mas Dirk Bogarde, atualmente filmando em "Doctor in the house", está inclinado a aceitar o papel.

ITÁLIA

Silvana Pampanini, a intérprete de "Os amôres de um meio-século" desposará brevemente um colecionador de objetos de arte. E diante da escolha dêsse noivo quinquagenário fica-se imaginando quais serão as tendências de seu gôsto artístico...

Em Nápoles, Ingrid Bergman continua obtendo extraordinário êxito com "Jeanne na fogueira" de Paul Claudel e Arthur Honnegger. Roberto Rosselini filma o espetáculo em CinemaScope, para que fique um documento da excelente interpretação de Ingrid. Depois de desempenhar o papel de Joana d'Arc em italiano, em Roma, Ingrid Bergamn pretende repetir seu sucesso em francês, na França, em inglês, na Inglaterra e em sueco, na sua terra natal.

FRANÇA

José Ferrer e Rosemary Clooney conseguiram finalmente umas férias para a tão adiada lua-de-mel. Casados em julho do ano passado, mas separados por suas obrigações profissionais, os dois chegaram agora em Paris, para uma viagem de núpcias por tôda a Europa.

Michel Bouquet, o rapazinho cínico de "Mulher cobiçada", despôsou Ariane Borg, outra jovem artista do cinema francês.

«Perdido em Paris» é o filme que George Seaton está realizando atualmente em Paris. Os seus principais intérpretes: Bing Crosby, Nicole Maurey, Claude Dauphin e Christien Fourcade, durante um intervalo de filmagem passeiam às margens do Sena





Durante a filmagem de «No Entardecer da Vida» da Paramount. Ginger Rogers recebe um tratamento à água.

Jacques Sernas, conhecido jovem "astro" europeu, que tem prestado sua colaboração ao cinema francês, ao italiano e ao inglês, estêve recentemente em Paris, a fim de dublar "Madalena" que êle interpretou ao lado de Gino Cervi e Marta Toren. Um azar perseguia, entretanto, o jovem galã, que foi vítima de três acidentes automobilísticos, com uma Studbaker, com uma Lancia, e com uma Sinca esporte. Felizmente escapou ileso de todos êsses desastres.

GRÉCIA

Enquanto uma epidemia matrimonial assola o mundo cinematográfico internacional, Smaroula Youli, a "Marylin Monroe grega", declarou-se francamente partidária do celibato. Smaroula é a "estrêla" de um grande filme dramático, "O vento do ódio", com que a Grécia pretende lançar-se na conquista do mercado internacional.

ESTADOS UNIDOS

O filme biográfico sôbre Maurice Chevalier, que seria interpretado por Danny Kaye, não será mais super-visionado pelo conhecido cançonetista francês. É que as autoridades de imigração norte-americanas recusaram o visa que permitiria a entrada de Chevalier nos Estados Unidos. Não se sabe ainda em que dará tudo isso.

Heddy Lamar, recém-casada com o "petroleiro" W. Howard Lee, encontra-se presentemente em um hospital, em tratamento de saúde. Grande sigilo cerca a doença da "estrêla", e alguns jornalistas mais intrometidos foram afastados categòricamente do lugar. O empresário de Heddy Lamarr afirma entretanto que sua cliente se restabelecerá a tempo de incarnar Semiramis em "A cortesã de Bizâncio". Ludmilla Tcherina, que ambiciona o papel, "torce" por uma recaída da formosa Heddy...

Joe Di Maggio ofereceu a Marylin Monroe como presente de casamento um casaco de peles que vale a bagatela de 4.500.000 francos...

Rita Hayworth e Dick Haymes ficaram fechados num apartamento de hotel durante 36 horas, enquanto representantes oficiais da ex-espôsa de Haymes, Joanne Dru, faziam cêrco fechado ao quarto. O objetivo era fazer o enrascado "crooner" pagar a pensão alimentar que já há muitos meses êle deve à ex-espôsa. Por outro lado, também o príncipe Aly Kahn deve uma soma importante a Rita Hayworth, sendo muito provável que quando êle fôr a Hollywood visitar Gene Tierney, fique também sitiado em seu hotel, se se recusar a pagar os atrasados à "estrêlas"...

Clelia Barros Trisciuzzi da Republic, que venceu um grande concurso internacional de publicidade, do filme «Depois do Vendaval»



7 GRANDES Estréias

Festival ART FILMS

UMA ESTRÉIA POR DIA
A PARTIR DE 26-Abril

INAUGURANDO A TÉLA TRI-FOCAL PANORÂMICA!

DIA 27 ART PALACIO
UMBERTO D
"UMBERTO D."
CARLO BATTISTI
MARIA PIA CASILIO
Direção: VITTORIO DE SICA

DIA 28 ART PALACIO
GUARDAS E LADRÕES
"GUARDIE E LADRI"
ALDO FABRIZI • TOTÓ
DIREÇÃO: STENO e MONICELLI

ART PALACIO DIA 29
TRÊS HISTÓRIAS PROIBIDAS
"TRE STORIE PROIBITES"
ELEONORA ROSSI DRAGO
ANTONELLA LUALDI
DIREÇÃO AUGUSTO GENINA

ART PALACIO DIA 26
Lucrecia Borgia
MARTINE CAROL
PEDRO ARMEDARIZ
MASSIMO SERATO
DIRETOR CHRISTIAN JAQUE

DIA 1 ART PALACIO
CIDADE DA PERDIÇÃO
"PROCESSO ALLA CIT TA'"
AMEDEO NAZZARI
SILVANA PAMPANINI
DIREÇÃO: LUIGI ZAMPA

ART PALACIO DIA 2
Puccini
"PUCCINI"
MARTA TOREN-NADIA GRAY
GABRIELE FERZETTI
DIREÇÃO CARMINE GALLONE

DIA 30 ART PALACIO
OUTROS TEMPOS
"ALTRI TEMPI"
GINA LOLLOBRIGIDA
ALDO FABRIZI
VITTORIO DE SICA
E OUTROS
DIRETOR A. BLASETTI

10 SESSÕES DESDE 10 HORAS DA MANHÃ



CADA FILME ACOMPANHA COMP. NACIONAL

Teatro Música

OSWALDO DE OLIVEIRA

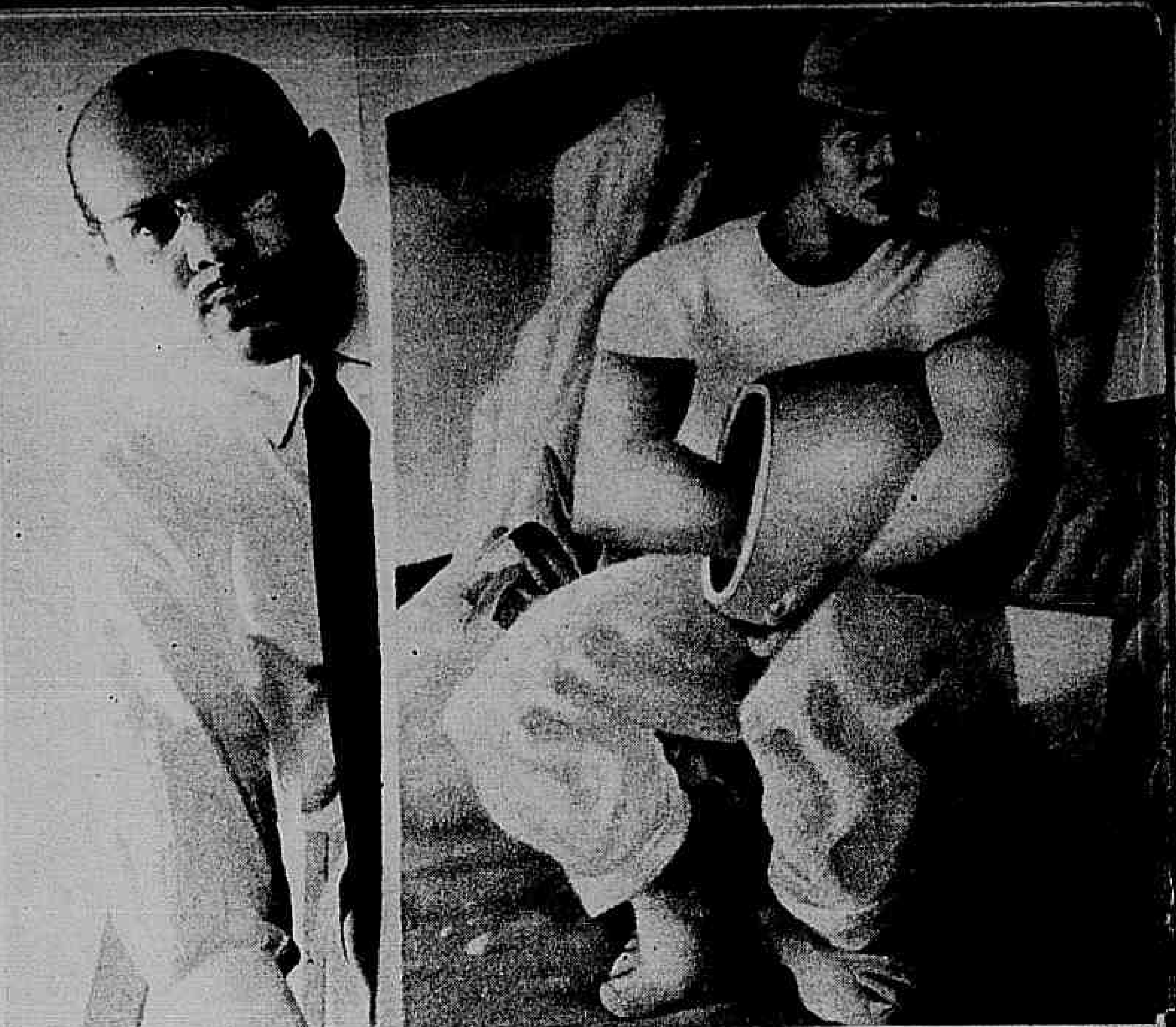
Um dos órgãos do Serviço Nacional de Teatro, do Ministério de Educação e Cultura, é o Conservatório Nacional de Teatro. Destina-se à formação de atores e diretores. De suas turmas, têm saído alguns atores que atualmente trabalham no cinema e teatro brasileiro. Apesar de sua vida regular, pois mantém-se em funcionamento há alguns anos, não conseguiu o CNT o máximo da eficiência que era de se desejar. Isto deve-se, principalmente, ao baixo nível intelectual de uma parte de seus alunos que nem sempre demonstram pela arte a que vão se dedicar o carinho que ela merece.

Alguns de seus cursos avulsos, em que artistas e críticos esforçam-se por transmitir suas impressões e conceitos de arte, baseadas em longas experiências, às vêzes de vários anos de estudo, encontram para as suas preleções um público, em geral, constituído de professôres e estranhos à escola. Note-se que tais cursos são, em geral, ministrados em horários compatíveis com os alunos.

O Conservatório Nacional de Teatro tem facultado aos seus alunos a formação de grupos experimentais. Um dêles "Os Quixotes", durante largo tempo apresentou peças escritas, dirigidas e interpretadas por alunos. Serviu de base para a formação de outros grupos profissionais inclusive de Teatro Infantil.

Além disso tem servido o CNT de celeiro onde se colhem "extras" para cinema, figurantes para as temporadas internacionais de Teatro facultando aos alunos um contato mais íntimo com os mais famosos intérpretes internacionais e com outros gêneros de interpretação.

Recentemente o CNT fêz realizar os exames Vestibulares para os Cursos de Direção e Interpretação. O primeiro, para o qual houve menor afluência, carecia que o aluno tivesse maior experiência Entre os aprovados coube o primeiro lugar à OsvaldoWaddington, ex-aluno do Conservatório com experiência no "mettier" de direção adquirida na "mise en scène" de duas peças do repertório infantil, uma delas o "Filhote de Espantalho", um dos melhores empreendimentos no gênero já levados no Rio.



Santa Rosa, pintor, cenarista, teatrólogo e crítico que atualmente dirige o Conservatório Nacional de Teatro.

Rádio

Por EDEL NEY

Alcides Gerardi é considerado, sem favor algum, aliás, um dos maiores cartazes do rádio brasileiro. Surgido, a bem dizer, ontem, desde logo passou a integrar o primeiro plano de nossos melhores cantores. Antes da Tupi, onde atuou por longos anos, e onde, vagarosamente, firmou o prestígio que hoje desfruta em todo o Brasil, atuou em diversas emissoras cariocas, à procura de sua grande chance. Que chegou depois de uma série de lutas e obstáculos transpostos.

Também no disco, antes de gravar sòzinho, durante bom espaço de tempo fêz apenas o refrão vocal nas gravações do acordeonista Antenogenes Silva. Mas, mesmo assim, fêz-se sempre notado, até que a Odeon o contratou com exclusividade. Até hoje pertence à fábrica de Felisberto Martins, para a qual tem gravado uma série de sucessos que alcançaram ótimos índices de vendagem. Seu maior êxito, até agora, no entanto, foi o conhecidíssimo bolero «Marize» que, até hoje, continua vendendo bem.

No rádio, contudo, deu um ótimo pulo no passado, transferindo-se das Associadas para a Nacional que, ciente de seu valor, deu-lhe logo um programa especial de meia hora, transmitido todos os domingos às 11,30.

O cantor-galã pretende conseguir os maiores triunfos no disco durante êsse ano de 1954 e, para tanto, já lançou na praça, com enorme êxito, o comentadíssimo samba-canção «O esbarro», de Américo Seixas e César Brasil. Já tem gravado, também, a bonita «Valsa do sorriso», do mesmo Américo Seixas, de parceria com o compositor-cantor Henrique Alves e que é apontada como um dos grandes êxitos futuros.

Tem prontos, ainda, números realmente sensacionais que prepara para levar à cêra, e dentre os quais destacamos o samba-canção «Não tem importância».

Alcides Gerardi



DISCOS—NOVIDADES

Roberto Silva está presente no primeiro suplemento de meio de ano da Copacabana. Como sempre, o «Príncipe do Samba» selecionou dois bonitos sambas; «Perdi Você», de Raimundo Olavo e Silva Júnior, e «Deixe-me em Paz», de autoria de Sebastião Gomes e Bide.

— ★ —

No seu novo disco Copacabana, acompanhado pelo Conjunto Melódico de Luiz Schiavo, o cantor nortista José Tobias presta significativas homenagens a duas de nossas belas cidades, através de bonitos sambas de Capiba, um dos mais famosos compositores pernambucanos. Os números se intitulam; «Igarassú, cidade do passado», e «Recife, cidade lendária».

— ★ —

José Fortuna e Mário Mendes, respectivamente, verteram para o nosso idioma, a linda canção «La Golondrina» e o valseado «Tú, solo tú», que o harmonioso «Duo Brasil Moreno» gravou, em seu mais recente disco para a Copacabana. A canção, que é de autoria de Narciso Serradel, recebeu o título português de «Andorinha». O valseado, assinado por Felipe Valdez Leal, entretanto, continuou com o mesmo título.

PÁGINA DO Leitor

A CENA publicará os melhores trabalhos enviados para esta página — Há necessidade dos textos serem escritos à máquina e que não ultrapassem de lauda e meia de papel ofício, em espaço dois — No final do corrente ano a orientação da revista ofertará duas lembranças aos dois colaboradores que mais se destacarem.

«C O N T A - G Ô T A S»

Num dia dêsses enfrentei um «poeira» para tratamento de saúde. «Luzes da Cidade», num cinema de bairro, acompanhado de fita em série (quase contemporânea), tem o efeito de sedativo, ou de laxante intelectual. É com orgulho que a gente se levanta com lágrimas nos olhos, sem a desculpa de procurar lenço. O final faz a gente eriçar até os pelinhos da barriga da perna. Os filmes de Carlitos deviam ter obrigatoriedade, ao menos três vêzes ao ano. Aquela candura do eterno vagabundo devia ser transmitida, também, em exibições «conta-gôtas», como remédio à essa radioatividade degradante de atos e fatos atuais. Tentemos a cura da maldade pelo exemplo da bondade.

★

Essas «gôtas» deixaram um gôsto amargo na bôca. Vamos adoçá-la com as gôtas de mel das boas notícias, como o provável ressurgimento da Vera-Cruz, que nos deu, ùltimamente, o bem intencionado «Candinho» e o expressivo «Luz apagada», com a reabilitação de Marisa Prado e a revelação de Maria Fernanda. Por essas e outras devemos acreditar no cinema brasileiro, sem dúvida, em franca ascensão em busca de sua independência artística. Aproveitando o «frasquinho» doce e não abusando dêsse «conta-gôtas» modesto, ainda contando com a benevolência dos redatores, anunciamos, por intermédio de A CENA MUDA, a reabertura do Cine-Clube da A.S.A., uma entidade nova com um só ano de existência, mas com um já brioso passado. Num ano de crise de energia, de recusa das emprêsas, dificuldades financeiras.

Ismar Pôrto (Rio)

«AS DUAS VERDADES»

Eis um filme despretensioso, despido de sentimentalismo, muito embora as primeiras seqüências confundam o público, fazendo crer tratar-se de um filme sórdido. Trata-se da história de um «caften» (Michel Auclair) e sua amante, a italiana Ana Maria Ferrero, «pivot» da tragédia de que se baseia a película, para atingir mis adiante a plenitude realística. Concretizando-se com a presença de Michel Simon, que recentemente nos visitou, empresta, com raro brilho de seu talento artístico. Vive a figura de um mendigo que fôra advogado ilustre, aparecendo no meio do Tribunal para defender um rapaz injustamente acusado de ter assassinado a sua amante, embora as provas não digam o contrário.

Muita coisa de atual possui êsse «As Duas Verdades» (Les Deux Verités), co-produção franco-italiana, distribuída pela Telefilmes. Também não levamos em conta alguns senões da história, que salta de um ponto a outro, mesmo se tratando de uma narrativa viva, que prende a atenção do espectador.

Mais uma dessas produções que ficam no rol dos filmes anônimos, embora tenha sido lançado sem nenhuma publicidade, encerra um grande valor moral. A responsabilidade é do desconhecido diretor Leonviola e é baseado também num original do mesmo. Tudo concorre para que coloquemos a película em evidência, satisfazendo, de maneira convincente, o público mais exigente, principalmente pelo seu enrêdo pouco convencional. Não se perde um milímetro da trama, excelentemente traçada no roteiro, sem tendência ao dramalhão de mau-gôsto. A direção conseguiu fugir aos lugares comuns.

O coração aqui não serve apenas de porta-voz como conteúdo, porque é a própria voz da justiça que sobressai de maneira estóica, dando por encerrado um caso aparentemente difícil. Uma espécie de versão modernizada de Romeu e Julieta é a trama, que culmina com a morte do réu, em pleno banco do Tribunal. A solução apresentada não satisfaz, e os médicos diagnosticaram de embolia aguda, vindo à baila o velho e surrado aforismo de que de amor também se morre. Aceitaríamos uma solução Dickensiana, em que o rapaz, depois de absolvido, volte ao convívio feliz dos entes queridos...

Humberto Nunes de Souza (Rio)

«RUTH QUERIDA»

"A Morte de Uma Ilusão" me traz a "Amarga Lembrança" de que estou "Condenado". Como "Vive-se Uma só Vez" e "De Amor Também se Morre", eu não poderei viver sem "Meu Maior Amor".

Ao passar pela "Ponte de Waterloo", lembrei-me do nosso "Último Encontro" na "Rua das Almas Perdidas". Sem fôrças para solver a "Taça da Amargura", e já em "Desespêro", com "A Vida Por um Fio" pensei em suicídio: "A Morte Estava à Espreita".

Quando ia dar o "Salto Para a Morte" nas "Águas Tempestuosas" alguém me disse: "É Perigoso Debruçar-se".

Voltei de súbito e vi uma "Mulher de Branco", era "Laura", "A Filha da Pecadora". Ela exerceu em mim uma "Estranha Fascinação"; foi uma visão que fêz nascer "O Amor à Primeira Vista".

(Cont. na pág. 34)

AS COTAÇÕES DOS LEITORES de A CENA

PUBLICAMOS HOJE, PELA ÚLTIMA VEZ, O "COUPON" QUE OS SENHORES LEITORES TERÃO A BONDADE DE PREENCHER E REMETER PARA A REDAÇÃO DE "A CENA MUDA" — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 RIO. É INDISPENSAVEL ESTA COLABORAÇÃO. COMO ESTÍMULO, LINDOS ALBUNS SERÃO SORTEADOS ENTRE OS OPINANTES

JULGAMENTO DAS SEÇÕES PERMANENTES

(DE 1 A 5 PONTOS)

	Cotações
PRÉ-ESTRÉIA (3)	______
OS MELHÔRES DE TODOS OS TEMPOS (6/9) ..	______
A NOSSA CAPA (30)	______
SEGREDOS DA TELA (16)	______
CURIOSIDADES E «CLOSE-UPS» (17)	______
CINEMA BRASILEIRO (22/23)	______
NOVELA DAS IMAGENS (18/21)	______
O CINEMA E A DANÇA (26/27)	______
CARTAZES EM REVISTA (28/29)	______
TEATRO (32)	______
DE TODO O MUNDO (30)	______
QUADRO DE HONRA DO MÊS	______
RÁDIO (32)	______
CINE-RESPOSTAS (duas vêzes ao mês)	______
PÁGINA DO LEITOR (33)	______
OS GRANDES VULTOS DA TELA (Simone Simon) (4/5)	______

JULGAMENTO DAS REPORTAGENS, CRÔNICAS, ETC.

Opinião sôbre as reportagens do Festival, em São Paulo ....

....

Entre as reportagens publicadas no presente ano, qual a que mais o agradou? ....

....

Entre os trabalhos, crônicas, etc., qual o que mais o satisfez? ....

....

Que gênero de reportagem prefere? ....

....

Sugestões ....

....

Nome ....

....

Enderêço completo ....

....

Estado, cidade ou Município ....

....

NOTA: As sugestões também poderão ser enviadas em fôlha à parte. Aos leitores do interior solicitamos a fineza de enviar as respostas por via aérea.

B É L - H O R M O N

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-
HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. . . . . . .

NOME. . . . .

RUA. . . . . Nº. . . . .

CIDADE. . . . .

ESTADO. . . . .

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

A um passo do "estrelato"...

(Continuação da pág. 15)

parasse com ... Mel Ferrer que vem entregar uma encomenda... E o senhor, o que faria se tomasse um elevador cuja ascensorista fôsse a sedutora Dorothy Lamour? Madame, por certo, inventaria defeitos na instalação, só para valer-se dos serviços do eletricista Cary Grant. A bilheteria Elaine Stewart havia de ser responsável por alguma fila extra, de admiradores seus, que se formasse na porta do cinema onde ela era funcionária.

E não poderia isto suceder de fato? Por que não? Bastaria apenas que tôdas essas famosas personalidades ainda estivessem a um passo do "estrelato"...

Página do leitor...

(Continuação da pág. 33)

"A Centelha do Amor" reviveu no meu peito. Entabolamos conversa e rumamos para o bar "Stella Dallas", na "Casa da Rua 92", para tomarmos um "Chá Para Dois". Cada vez mais "Apaixonados", fizemos uma mútua "Confissão" para nos conhecermos melhor.

Em seguida eu a convidei para irmos a um cinema. "É um Prazer", ela ascendeu dizendo. Estava passando "É Difícil Ser Feliz"; "Ironia do Destino". Perguntei-lhe se ela seria "Minha Namorada Favorita". Ela me respondeu: Estou "Perdida" por você. Mesmo sabendo que és um "Homem Marcado". "Quero te Como És".

Portanto, minha "Flor dos Trópicos", sigo hoje com "Meu Verdadeiro Amor" de "Passagem Para Marselha", "Rumo a Paris" para nossa "Duas Vêzes Lua de Mel", "Desculpe a Poeira".

O adeus do "Haroldo Tapa Ôlho".

De Caio Sérgio Hamilton — (Santos)

"AS MARYLINS PASSAM"

O tipo "vamp" no cinema passa mais depressa do que fogo de outono, isto desde o tempo de Theda Bara ao atual de Marylin Monroe. Esta garôta do andar mamboleante, não foi a primeira nem será a última. Artistas do seu porte passam e passam com uma rapidez que não temos tempo para repara-lhes. Assim foi com Mac West, talvez a mais famosa delas tôdas, e que deve ainda exibir as suas famosas curvas em algum teatro mambembe dos Estados Unidos, o mesmo aconteceu a Jean Harlow, a Bete Gable, e agora a famosa modêlo de folinhas.

Tenho lido em dezenas de jornais e revistas, histórias e mais histórias sôbre esta garôta bonita, e como não podia deixar de ser tenho assistido a suas películas. Muito bonita, bamboleia muito, mais talento lhe falta para poder sustentar uma carreira tão escandalosamente mantida nas páginas dos jornais. Tenho visto artistas começarem nos filmes de charlestown, como Joan Crawford, como Ginger Rogers, mais que fizeram uma carreira brilhante com mais altos do que baixos, e tornarem-se figuras de primeira grandeza no cinema, conseguindo até prêmios da Academia. Tenho visto atrizes famosas no teatro como Tala Birel, Wilma Banki, e outras fracassarem desastrosamente no cinema, algumas enchendo as páginas de jornais com escândalos como a Zsa Zsa Gabor, ou a Corine Calvert, mais nenhuma com a fonte de publicidade desta garôta linda de corpo, de cara, mais sem nenhuma dose de talento interpretativo como a Marylin Monroe.

Enfim o cinema americano é pródigo em inventar figurinhas difíceis como a louríssima Monroe, e a escola do vampirismo em Hollywood é interminável. Por esta escola já passaram Teda Bara como a mulher fatal, Anna May Woong o fatalismo oriental,



QUÊDA DOS CABELOS

Calvície precoce

JUVENTUDE ALEXANDRE

INSUPERÁVEL

Há cinqùenta anos

Mac West a tentação dos basfonds, Greta Garbo com todo o sabor do seu misticismo, Janet Gaynor e a sua inocência, Mary Pickford burlando todos sempre a interpretar garôtos, e garôtas traquinas, isto depois de casada e senhora de dois divórcios, idem com referência a Shirley Temple, etc. etc. Quando Hollywood e seus publicistas querem inventam "glamour" sôbre tôdas as formas. O público que vai aos filmes engole a pílula uma vez, duas, depois cansa e o ídolo de Barro desaparece como por encanto.

Mais senhores convenhamos que a Marylin Monroe possa algum dia atingir o estrelato como uma grande figura dramática. Hollywood sabe fazer "estrêlas", então perderei meu tempo em escrever alguma coisa sôbre esta loura dos quadris bamboleantes, por enquanto recortarei a sua figura despida para colocar num álbum de Vida e Nudismo, ou figurar entre as fotografias de outra "estrêla" nacional de muitas curvas, muito escândalo, e pouco talento, Elvira Pagã.. Marylin pertence a mesma classe da Pagã, da Luz del Fuego, da Cuquita Carballo e outras deusas do nudismo. Talento só nas pernas.

Durvaltécio Araújo Fonseca



NAS BÔAS CASAS DO RAMO

A CENA MUDA

Fundada em 1921

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Secretário
Oswaldo de Oliveira

Publicidade
J. M. Costa Júnior, S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega

Desenho e Paginação
Luiz Lléo Sampaio

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.

Publicidade	22-9570
Redação	22-4447
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Enderêço Telegráfico: «REVISTA»

EM SAO PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino. R. Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569.

PREÇOS

Número avulso em todo o território Nacional	Cr$ 4,00
Número atrasado	Cr$ 4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$ 200,00
Assinatura semestral (26 números)	Cr$ 100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$ 230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$ 120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$ 350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$ 180,00

O "COUPON" DA ENQUÊTE "AS COTAÇÕES DOS LEITORES" É PUBLICADO HOJE PELA ÚLTIMA VEZ. PREENCHA-O E DEVOLVA COM AS SUAS OPINIÕES NO SEU PRÓPRIO INTERÊSSE E O DA REVISTA. LINDOS ÁLBUNS SERÃO DISTRIBUÍDOS AOS VOTANTES

1744-P.1

ABBE LANE
(da Universal)

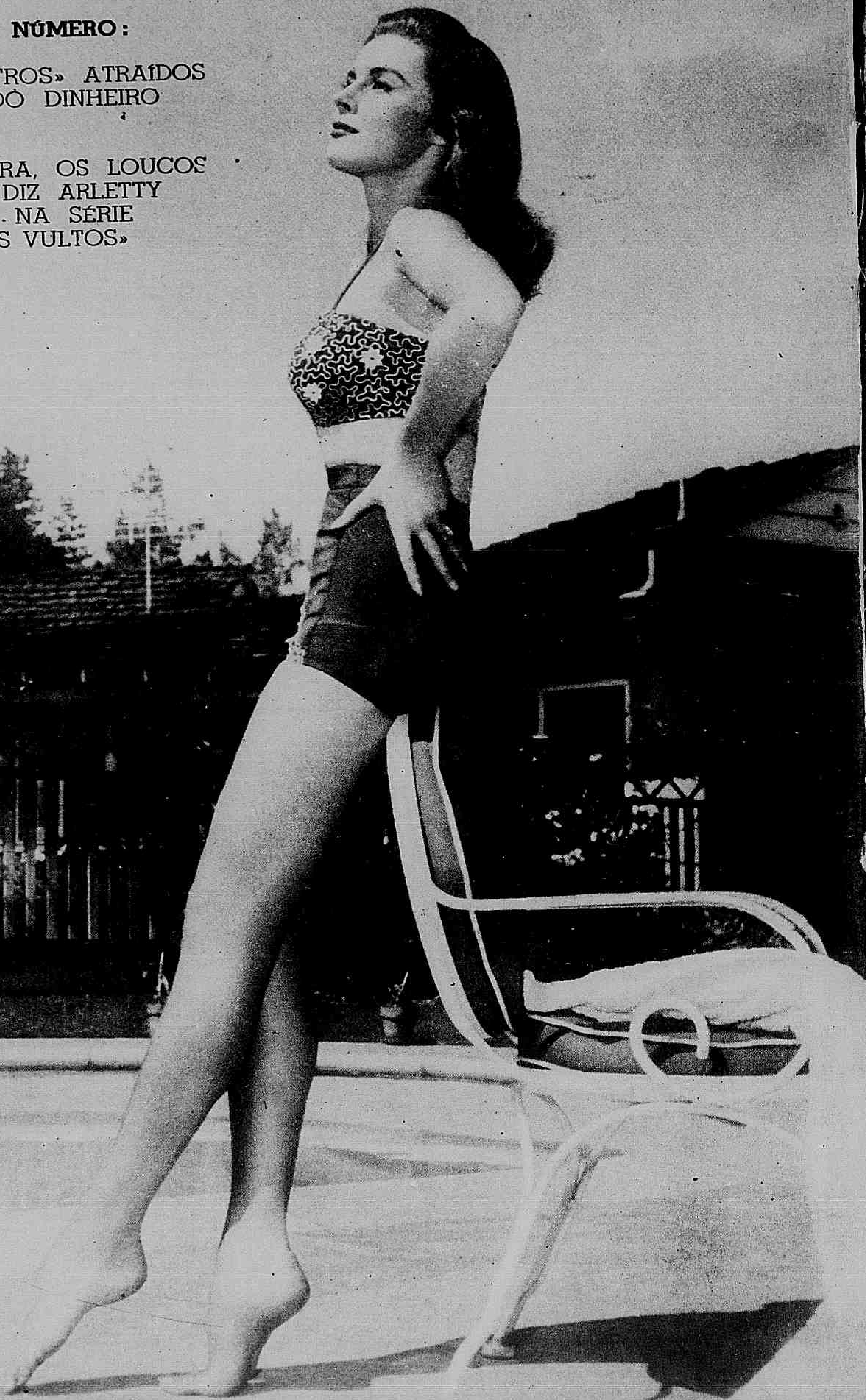
NO PRÓXIMO NÚMERO:

«ESTRÊLAS» E «ASTROS» ATRAÍDOS PELO BRILHO DO DINHEIRO

★

EM NOSSA CARREIRA, OS LOUCOS FAZEM FALTA, DIZ ARLETTY

BETTY DAVIS NA SÉRIE «OS GRANDES VULTOS»



ELAINE STEWART
(da Metro)